



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



RUTH ELLEN SOARES DE SOUSA

**ESTUDO SEMÂNTICO-LEXICAL DO PORTUGUÊS FALADO NA COMUNIDADE
QUILOMBOLA JENIPAPO, DO MUNICÍPIO DE CAXIAS, MARANHÃO**

São Luís

2025

RUTH ELLEN SOARES DE SOUSA

**ESTUDO SEMÂNTICO-LEXICAL DO PORTUGUÊS FALADO NA COMUNIDADE
QUILOMBOLA JENIPAPO, DO MUNICÍPIO DE CAXIAS, MARANHÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Maranhão, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Descrição e Análise do Português Brasileiro.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Rocha Silva.

São Luís

2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Soares de Sousa, Ruth Ellen.

Estudo semântico-lexical do português falado na comunidade quilombola jenipapo, do município de Caxias, Maranhão / Ruth Ellen Soares de Sousa. - 2025.

92 p.

Orientador(a): Ana Lúcia Rocha Silva.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Letras/CCH, Universidade Federal do Maranhão, Universidade Federal do Maranhão, 2025.

1. Etnolinguística. 2. Unidades Lexicais. 3. Vocabulário. 4. Jenipapo/MA. I. Rocha Silva, Ana Lúcia. II. Título.

RUTH ELLEN SOARES DE SOUSA

**ESTUDO SEMÂNTICO-LEXICAL DO PORTUGUÊS FALADO NA COMUNIDADE
QUILOMBOLA JENIPAPO, DO MUNICÍPIO DE CAXIAS, MARANHÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Maranhão, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Descrição e Análise do Português Brasileiro.

Aprovada em: 28/08/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Rocha Silva (Orientadora)

Programa de Pós-Graduação em Letras (PGLetras)

Universidade Federal do Maranhão

Prof.^a Dr.^a Georgiana Marcia Oliveira Santos (Membro Interno)

Programa de Pós-Graduação em Letras (PGLetras)

Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr.^a Heloísa Reis Curvelo (Membro Externo)

Programa de Pós-Graduação em Letras – Bacabal (PPGLB)

Universidade Federal do Maranhão

Dedico este trabalho, primeiro, a Deus, por ser essencial em minha vida. À minha mãe querida, Rosalina da Silva Soares de Sousa; ao meu pai, Edvaldo Pimentel de Sousa (*in memoriam*); aos meus irmãos, Paulo e Emile. Aos meus filhos (de coração) Samuel e Isis, aos meus amigos e familiares.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter sido minha rocha e ter me dado forças nos momentos em que eu achei que desistiria; sendo Ele meu socorro bem presente nas horas de angústia e aflição, acalmando meu coração e mostrando que está sempre ao meu lado e tudo daria certo, porque Ele estava no controle de tudo na minha vida, permitindo-me chegar até aqui, alcançando mais esta vitória. A ele seja dada toda honra, louvor e glória!

À Universidade Federal do Maranhão (UFMA), pela formação e apoio, em especial ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PGLetras), pela oportunidade de ingressar no curso, contribuindo de forma ímpar nesta nova etapa. Notadamente, à minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia, pela orientação e acompanhamento, que Deus lhe abençoe grandemente. À Prof.^a Georgiana, por ter me ajudado quando precisei, mostrando o melhor caminho para a construção desta pesquisa. A todos os professores que fizeram parte desta trajetória no mestrado.

Aos moradores da comunidade quilombola Jenipapo, pela disposição e por aceitarem fazer parte deste trabalho, para o qual foram de suma importância, sendo eles os protagonistas deste estudo.

Aos meus pais, por terem me guiado pelo caminho certo, instruindo-me no decurso do saber. Gratidão a eles por tudo, pela pessoa que me tornei. Tudo que fiz e faço é para eles. Ao meu pai (*in memoriam*), que infelizmente não está mais entre nós, embora eu saiba que, onde ele estiver, está muito orgulhoso e feliz por cada conquista minha e dos meus irmãos; amo-te pela eternidade. À minha querida mãe, essencial na minha trajetória e responsável por mais essa conquista; sempre me aconselhando e incentivando a estudar e ir além. Graças a isso e a muito mais que ela fez e faz, estou dando este grande passo em minha carreira profissional e pessoal; amo-te, mãe!

À minha irmã, Emile, pelo constante apoio. Ao meu querido irmão, Paulo Rubens, que foi e é crucial em minha vida, ajudando-me com seus conhecimentos nesta dissertação, sempre que podia, e corrigindo-me sobre o que deveria ser feito e como melhorar. Embarcou comigo nessa aventura, nas viagens para as entrevistas com os moradores da comunidade. Meu grande companheiro. Amo-te, irmão!

Ao meu querido primo João Vitor, um grande companheiro. Também me acompanhou em todas as viagens à comunidade. Que Deus abençoe sempre sua vida. Você é incrível! Amo-te, primo-irmão e amigo!

Ao meu querido primo Marcos Felipe, pois sua ajuda foi essencial nesta etapa. Passou noites e noites em claro comigo, compartilhando ideias e fazendo ajustes nesta dissertação. A ele, muita gratidão! Sempre foi e será um grande companheiro. Amo-te, primo-irmão e amigo!

Aos meus filhos (de coração), Samuel e Isis. Aos meus familiares. Em especial, à minha grande amiga e conselheira, mãe, Aleluia, sempre orando por mim, apresentando-me a Deus e demonstrando seu amor; agradeço ainda à sua família, que é minha família, vocês são incríveis, amo cada um.

Aos meus amigos e colegas, a todos citados anteriormente e àqueles que fizeram parte desta importante etapa da minha vida, o meu muito obrigada!

RESUMO

Este estudo teve como objetivo identificar a ocorrência do léxico na comunidade quilombola Jenipapo, localizada na zona rural do município de Caxias, no Maranhão. Para tanto, foram utilizados estudos de Abbade (2011), Biderman (2001), Bosi (2006), Grimes (1996), Mattoso (1982), Sapir (1961) e Vilela (1997). Foram realizadas entrevistas na comunidade, com doze participantes, que responderam a um questionário dividido em cinco campos semânticos: dança, religião, identidade quilombola, curandeirismo e racismo. As entrevistas foram gravadas e, depois, redigidas no aplicativo *Word*; logo após, o material foi inserido no aplicativo AntConc, o qual selecionou as lexias pertencentes ao *corpus*, de modo a compreender os princípios da Lexicografia moderna. Em seguida, essas lexias foram analisadas a partir de pesquisas feitas no *Dicionário Aurélio*, na *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana* e no *Dicionário Houaiss*. Foram identificadas 54 lexias, sendo 6 lexias que estavam dicionarizadas, mas possuíam acepção diferente da fornecida pelo informante (LDAD), 30 lexias dicionarizadas com acepção equivalente (LDAE) e 18 lexias não dicionarizadas (LND). Esses resultados contribuem para explorar e ampliar o conhecimento das lexias pertencentes à comunidade Jenipapo, tendo em vista a importância dos registros orais encontrados neste estudo, pois apresentam formas de expressões que, muitas vezes, estão ausentes ou pouco representadas nos acervos lexicográficos tradicionais. Portanto, a ocorrência desse conjunto lexical expande o conhecimento acerca da singularidade e, ao mesmo tempo, faz uma intersecção do falar da comunidade Jenipapo com os dicionários pesquisados, reconhecendo os saberes locais como formas indispensáveis de construção linguística e cultural.

Palavras-chave: etnolinguística; unidades lexicais; vocabulário; Jenipapo/MA.

ABSTRACT

This study aimed to identify the occurrence of lexicon in the Jenipapo quilombo community, located in the rural area of the municipality of Caxias, in Maranhão. To this end, studies by Abbade (2011), Biderman (2001), Bosi (2006), Grimes (1996), Mattoso (1982), Sapir (1961), and Vilela (1997) were used. Interviews were conducted in the community with twelve participants, who answered a questionnaire divided into five semantic fields: dance, religion, quilombola identity, traditional healing, and racism. The interviews were recorded and then transcribed in Word; shortly thereafter, the material was entered into AntConc, which selected the lexias belonging to the corpus in order to understand the principles of modern lexicography. These lexias were then analyzed based on research conducted in the *Aurélio Dictionary*, the *Brazilian Encyclopedia of the African Diaspora*, and the *Houaiss Dictionary*. In this research, 54 lexias were identified, 6 of which were dictionary entries but had a different meaning from that provided by the informant (LDAD), 30 dictionary entries with equivalent meanings (LDAE), and 18 non-dictionary entries (LND). These results contribute to exploring and expanding knowledge of lexias belonging to the Jenipapo community, given the importance of the oral records found in this study, as they present forms of expression that are often absent or underrepresented in traditional lexicographic collections. Therefore, the occurrence of this lexical set expands knowledge about uniqueness and, at the same time, creates an intersection between the speech of the Jenipapo community and the dictionaries researched, recognizing local knowledge as indispensable forms of linguistic and cultural construction.

Keywords: ethnolinguistics; lexical units; vocabulary; Jenipapo/MA.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização geográfica da comunidade quilombola Jenipapo, em Caxias, Maranhão, Nordeste, Brasil	26
Figura 2 – Escola de ensino fundamental I.....	86
Figura 3 – Capela – parte externa e interna	86
Figura 4 – Santuário – altar	87
Figura 5 – Local onde se faz farinha – Casa de Farinha.....	87
Figura 6 – Local onde os moradores fazem reunião – Associação dos Moradores.....	88
Figura 7 – Casa onde se fazem as ciências da umbanda	88
Figura 8 – Algumas criações existentes na comunidade	89
Figura 9 – Entrada da comunidade quilombola Jenipapo.....	89

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Ficha lexicográfica 1 – lexia “Maria Padilha”	34
Quadro 2 – Ficha lexicográfica 2 – var. “Pagar terço”	35
Quadro 3 – Ficha lexicográfica 3 – var. “Tambor de umbanda”	36
Quadro 4 – Ficha lexicográfica 4 – var. “Mês de Maria”	36
Quadro 5 – Ficha lexicográfica 5 – lexia “Indeína”	37
Quadro 6 – Ficha lexicográfica 6 – lexia “Araína”	37
Quadro 7 – Ficha lexicográfica 7 – var. “Cabocla Duarte”	38
Quadro 8 – Ficha lexicográfica 8 – lexia var. “Princesa Encantada”	38
Quadro 9 – Ficha lexicográfica 9 – var. “Chefe de Coroa”	39
Quadro 10 – Ficha lexicográfica 10 – var. “Pau carcundo”	40
Quadro 11 – Ficha lexicográfica 11 – var. “Malva do rei”	40
Quadro 12 – Ficha lexicográfica 12 – lexia “Mal de sete dia ou introsada”	41
Quadro 13 – Ficha lexicográfica 13 – lexia “Arca caída ou espinhela caída”	42
Quadro 14 – Ficha lexicográfica 14 – var. “Mau-olhado”	42
Quadro 15 – Ficha lexicográfica 15 – var. “Tirar o sol/sol na cabeça”	43
Quadro 16 – Ficha lexicográfica 16 – var. “Capim santo, capim limão e capim de cheiro” ..	44
Quadro 17 – Ficha lexicográfica 17 – var. “Pinhão roxo”	44
Quadro 18 – Ficha lexicográfica 18 – var. “Dança do Lili”	45
Quadro 19 – Ficha lexicográfica 19 – lexia “Bolinha”	46
Quadro 20 – Ficha lexicográfica 20 – var “Neném”	47
Quadro 21 – Ficha lexicográfica 21 – var. “Baiano”	48
Quadro 22 – Ficha lexicográfica 22 – lexia “Ginga”	48
Quadro 23 – Ficha lexicográfica 23 – var. “Versos”	49
Quadro 24 – Ficha lexicográfica 24 – var. “Gafanhoto”	50
Quadro 25 – Ficha lexicográfica 25 – var. “Repente”	51
Quadro 26 – Ficha lexicográfica 26 – lexia “Toadas”	52
Quadro 27 – Ficha lexicográfica 27 – lexia “Zabumba”	53
Quadro 28 – Ficha lexicográfica 28 – lexia “Sanfona”	54
Quadro 29 – Ficha lexicográfica 29 – var. “Triângulo”	54
Quadro 30 – Ficha lexicográfica 30 – lexia “Pandeiro”	55
Quadro 31 – Ficha lexicográfica 31 – lexia “Capela”	56
Quadro 32 – Ficha lexicográfica 32 – lexia “Novena”	57

Quadro 33 – Ficha lexicográfica 33 – var “Padroeiro”	57
Quadro 34 – Ficha lexicográfica 34 – var “Encantado”	58
Quadro 35 – Ficha lexicográfica 35 – var. “Caboclo”	59
Quadro 36 – Ficha lexicográfica 36 – lexia “Benzedor”	60
Quadro 37 – Ficha lexicográfica 37 – lexia “Mandinga”	60
Quadro 38 – Ficha lexicográfica 38 – var. “Porcaria”	61
Quadro 39 – Ficha lexicográfica 39 – lexia “Oferenda”	62
Quadro 40 – Ficha lexicográfica 40 – lexia “Quilombola”	63
Quadro 41 – Ficha lexicográfica 41 – var. “Tamarindo”	64
Quadro 42 – Ficha lexicográfica 42 – var. “Lambedor”	65
Quadro 43 – Ficha lexicográfica 43 – var. “Desmantelo”	65
Quadro 44 – Ficha lexicográfica 44 – var. “Quebranto”	66
Quadro 45 – Ficha lexicográfica 45 – lexia “Arruda”	67
Quadro 46 – Ficha lexicográfica 46 – var. “Aroeira”	68
Quadro 47 – Ficha lexicográfica 47 – lexia “Babosa”	69
Quadro 48 – Ficha lexicográfica 48 – var. “Vassourinha”	69
Quadro 49 – Ficha lexicográfica 49 – var. “Amoreira”	70
Quadro 50 – Ficha lexicográfica 50 – var. “Inharé”	71
Quadro 51 – Ficha lexicográfica 51 – lexia “Garrafada”	71
Quadro 52 – Ficha lexicográfica 52 – var “Boldo”	72
Quadro 53 – Ficha lexicográfica 53 – var. “Fedegoso”	73
Quadro 54 – Ficha lexicográfica 54 – var. “Mastruz/mastruço”	74
Quadro 55 – Lista contendo todas as lexias registradas em ordem alfabética	75

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Informações das comunidades certificadas do município de Caxias, Maranhão ..	27
Tabela 2 – Comunidades remanescentes de quilombos intituladas em Caxias, Maranhão, pelo Iterma e pelo Incra	27
Tabela 3 – Disposição dos códigos dos entrevistados, siglas dos nomes dos praticantes, condições de gênero e idade	31

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Aconeruq	Associação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas
DOU	Diário Oficial da União
FCP	Fundação Cultural Palmares
Incra	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
Iterma	Instituto de Colonização e Terras do Maranhão
LDAD	Lexias Dicionarizadas com Acepção Diferente do Sentido Fornecido pelos Informantes
LDAE	Lexias Dicionarizadas com Acepção Equivalente ao Sentido Fornecido pelos Informantes
LND	Lexias não Dicionarizadas
PNCSA	Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	15
1	RELENDO A HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	17
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
2.1	Etnolinguística	19
2.2	Lexicologia	21
2.2.1	O léxico e sua finalidade	21
2.2.2	As unidades do léxico	23
2.2.3	Campo léxico-semântico	23
2.3	Lexicografia	24
2.4	Comunidade quilombola Jenipapo, em Caxias, Maranhão	25
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	29
3.1	Tipo de pesquisa	29
3.2	Corpus da pesquisa	29
3.2.1	Instrumento da pesquisa	29
3.2.2	Coleta e análise dos dados	29
3.2.3	Processo de categorização lexical	30
3.3	Informantes	31
3.3.1	Homens	32
3.3.2	Mulheres	32
4	RESULTADOS	34
4.1	Lexias não dicionarizadas	34
4.2	Lexias dicionarizadas com acepção diferente da fornecida pelos informantes	46
4.3	Lexias dicionarizadas com acepção equivalente à fornecida pelos informantes ..	51
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
	REFERÊNCIAS	78
	APÊNDICES	82
	ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	90

INTRODUÇÃO

As comunidades quilombolas têm experimentado transformações em seu léxico devido ao aumento do contato com diferentes grupos sociais. Nessa perspectiva, torna-se evidente o fenômeno do empréstimo linguístico — por exemplo, como palavras das línguas portuguesa e africana são frequentemente inseridas no vocabulário quilombola. No entanto, após o contato social e linguístico, esses grupos étnico-raciais adaptam diversos vocabulários aos seus próprios contextos culturais, o que pode resultar em mudanças semânticas.

Devido a isso, o estudo léxico-semântico em comunidades quilombolas é importante por oportunizar compreender de que maneira a língua é utilizada como meio de resistência cultural e preservação identitária. A partir da análise do léxico, é possível conhecer a riqueza cultural, para garantir que as vozes desse grupo continuem a ser valorizadas.

Em virtude disso, este estudo teve como objetivo identificar a ocorrência do léxico na comunidade quilombola Jenipapo, situada na zona rural do município de Caxias, Maranhão. Uma vez que na comunidade ainda não foi realizado nenhum estudo linguístico, quer seja, por exemplo, na morfossintaxe, na fonética ou no léxico-semântico. Cabe destacar que esse último aponta um vasto e rico campo de vocabulários que podem expandir a diversidade linguística desse grupo étnico-racial.

O estudo do léxico-semântico de comunidades quilombolas propicia compreender como o léxico exerce um papel essencial na manutenção linguística e como serve de apoio para a interpretação dos significados existentes na língua falada por tais comunidades. Assim, torna-se relevante identificar o léxico do português falado em Jenipapo e, por conseguinte, realizar uma comparação e diferenciação com os registros presentes, ou não, em dicionários, além de documentar novas lexias e seus significados conforme as acepções dos moradores.

Nesse sentido, esta pesquisa se propôs a elucidar as seguintes questões: o léxico da comunidade jenipapo em Caxias, Maranhão, está registrado em dicionários? Há coincidência entre o significado apontado pelos informantes e o significado expresso nos dicionários? Os moradores da comunidade Jenipapo possuem registro de novos léxicos?

Esta dissertação está dividida em quatro capítulos. O primeiro capítulo consiste em uma revisão da literatura que investigou como ocorreu a formação histórica do português brasileiro, com ênfase na relação entre as línguas africanas e a língua portuguesa, e como essa interação entre a Linguística e a cultura contribuiu para a constituição do léxico do português falado no Brasil, com reflexos que permanecem até os dias atuais.

O segundo capítulo destaca a Etnolinguística, a Lexicologia e a Lexicografia, esta como ciência voltada à criação de dicionários, servindo como fonte de pesquisa, além dos conceitos relacionados aos campos semânticos que foram essenciais para a categorização e a análise das lexias encontradas nesta pesquisa. O terceiro capítulo apresenta a metodologia de coleta e o percurso adotado, desde a elaboração dos instrumentos de pesquisa até a sistematização dos resultados.

O quarto capítulo destina-se à história da comunidade quilombola Jenipapo, seu espaço geográfico, sua divisão econômica e suas certificações. O quinto capítulo apresenta as lexias identificadas neste estudo, junto ao seu significado no contexto sociocultural da comunidade em foco. No final do capítulo, dispõe-se um quadro que evidencia todas as lexias identificadas, indicando também sua presença ou ausência nos dicionários de referência. Por fim, no sexto capítulo, apresentam-se as considerações finais e perspectivas observadas.

1 RELENDO A HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Originado do latim vulgar, o português foi introduzido na Península Ibérica durante o domínio romano. De acordo com Assis (2011), nesse período, que abrange o contexto histórico-linguístico, desenvolveu-se o galego-português, o qual foi formado por variedades originadas no noroeste peninsular e, a partir da Independência de Portugal, no século XII, passou a se consolidar como português. A historicidade ainda relata que, no reinado de D. Dinis, em 1290, o idioma foi oficializado como língua do reino, em substituição ao latim.

No Brasil, o idioma chegou impulsionado pelos portugueses com a colonização, nos anos 1500, que encontraram um espaço rico para ser utilizado como instrumento de dominação, imposição e expansão de sua cultura a todos que habitavam nesse território. Nos primeiros anos da colonização, o português se misturou com línguas indígenas, em particular o tupi, usado como meio de comunicação entre colonizadores e indígenas. A estruturação do léxico português ocorreu por meio da incorporação de elementos linguísticos oriundos de diversos povos que passaram pela Península, como celtas, germânicos e árabes (Assis, 2011).

Essa interação resultou em uma série de empréstimos lexicais no português brasileiro, especialmente em áreas relativas à flora, fauna e topônimos. Além disso, a estrutura sintática de algumas construções na língua variante brasileira foi influenciada pelas línguas indígenas e africanas. Cabe mencionar que, nesse período, os portugueses exportaram para o Brasil cerca de cinco milhões de africanos para trabalharem de forma escravizada, como mão de obra, na produção açucareira (Mattoso, 1982).

Desse modo, foram feitas atribuições econômicas, sobre as quais Mattoso (1982) faz a seguinte divisão do tráfico negreiro: no século XVI, o ciclo da Guiné trouxe escravos sudaneses; no século XVII, o ciclo do Congo e da Angola trouxe os negros bantos, ambos para trabalharem no cultivo de cana-de-açúcar e tabaco. Houve um processo de inserção na língua portuguesa: primeiro, em contato com os senhores; depois, a partir da vinda dos africanos para o território brasileiro, que trouxeram cerca de 300 línguas, as quais, para Grimes (1996), representam uma pequena parcela do conjunto linguístico africano.

Dessas línguas, as que tiveram maior predominância no Brasil foram o quicongo, o quimbundo e o umbundo, por possuírem o maior número de falantes. Segundo Bovini e Petter (1998, p. 74): “Os escravos, submetidos a essa organização particular de tráfico, participaram de uma situação linguística nova, transitória, mas que, pela sua duração e renovação regular, pôde influenciar a situação lingüística [*sic*] no Brasil”. Em algumas regiões do país, como Bahia

e Rio de Janeiro, a intensa interação entre falantes de português e africanos gerou contextos de crioulização, em que o português foi modificado também por influência das línguas africanas.

A africanização do português brasileiro é visível em expressões culturais, religiosas e relacionadas à vida cotidiana, por haver a presença dos sudaneses e bantus (Rodrigues, 2010). Dessa maneira, a interação entre povos distintos permite modificações no léxico de quem se comunica, pois a língua está em constante evolução, tornando-se fator essencial para estudos em Linguística. Por conseguinte, parte do léxico dos povos até então existentes vem de relações entre uma longa estabilidade das “velhas identidades” e o envolvimento das novas identidades.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, são apresentadas as bases teóricas que dão suporte a este estudo. Dessa forma, observa-se, nos tópicos a seguir, a disposição dos fundamentos históricos e linguísticos que nortearam a presente pesquisa.

2.1 Etnolinguística

A Etnolinguística é o ramo da Linguística que fomenta a relação entre língua e cultura, analisando como a língua reflete as visões de mundo, os valores e as práticas culturais em uma biocenose. Esse campo tem o intuito de examinar como a língua é utilizada para transmitir e perpetuar a cultura e como, inversamente, esta molda o uso daquela; em suma, como uma complementa a outra. Essas análises iniciaram no século XIX, quando pesquisadores norte-americanos passaram a lecionar sobre os grupos tribais e suas respectivas línguas, a fim de identificar sua organização, classificando-os linguística e etnicamente.

Dessa maneira, Coseriu (1990) propôs, para a Etnolinguística, três planos linguísticos distintos: o do falar, o das línguas e o do discurso, cada um desempenhando papéis diferentes. Consoante o autor, essa área investiga “as variações na linguagem enquanto motivadas por mudanças na civilização e na cultura” (Coseriu, 1990, p. 29). Logo, a relação entre sociedade, língua e cultura é fundamental para compreender como os humanos se comunicam e constroem suas identidades.

Sob essa perspectiva, sociedade, língua e cultura são indissociáveis, funcionando como bases para a formação identitária de um povo. Conforme Vilela (1997, p. 43): “Sociedade e língua estão constantemente a intrometer-se uma com a outra, a marcarem-se sem se demarcar”, ou seja, uma influência a outra. Isso porque a língua é um dos principais veículos de transmissão cultural, por meio da qual a sociedade compartilha valores, tradições, histórias e conhecimentos.

Em sintonia com essa percepção, Câmara Jr. (1965) salienta que língua e cultura estão intrinsecamente ligadas, sendo as representações existentes em uma cultura expressas pela/na língua. Logo, não há como desvinculá-las, na medida em que os sistemas sociais, culturais e linguísticos andam simultaneamente e que as transformações ocorridas na sociedade se refletem na estrutura linguística. De acordo com Sapir (1969), a trama de padrões culturais de uma civilização está indicada em cada linguagem, a qual é expressa de forma particular e única, corroborando para a criação de um léxico.

O léxico assim reflete em alto grau a complexidade da cultura é praticamente um fato de evidência imediata, pois o léxico, ou seja, o assunto de uma língua destina-se em qualquer época a funcionar como um conjunto de símbolos, referentes ao quadro cultural do grupo. Se por complexidade de uma língua se entende a série de interesses implícitos em seu léxico, não é preciso dizer que há uma correlação constante entre a complexidade linguística e a cultural (Sapir, 1969, p. 51).

Corroborando com essa afirmação, Bosi (2006) conceitua a cultura como o conjunto de práticas, técnicas, símbolos e valores que devem ser transmitidos às novas gerações, com o propósito de garantir a convivência social. Embora seja um termo muito abrangente, um dos conceitos atribuídos se refere à existência do ser humano, considerando sua relação com a Antropologia. Na visão de Ferreira (2004, p. 587), cultura diz respeito ao:

Conjunto complexo dos códigos e padrões que regulam a ação humana individual e coletiva, tal como se desenvolvem em uma sociedade ou grupo específico, e que se manifestam em praticamente todos os aspectos da vida: modos de sobrevivência, normas de comportamento, crenças, instituições, valores espirituais, criações materiais.

Essa concepção é reiterada por Geertz (2008, p. 4), ao ressaltar que “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”. A cultura é essa teia, por ser constituída de maneira complexa, mediante vivências de um grupo no cotidiano, trazendo a compreensão acerca de símbolos e interpretações que os membros fazem da sociedade. Dessa maneira, grupos culturais distintos podem usar a língua para expressar suas identidades e para marcar diferenças em relação a outros sujeitos.

Estudar a língua, nesse prisma, leva a discorrer sobre como ela se comporta em dada situação, ora divergindo contextualmente, ora influenciada pelo modo social e cultural vivido por seus falantes. Ao evidenciar a relação entre língua e cultura, a Etnolinguística propicia a apreensão do léxico em contextos específicos. Isso implica que o léxico de uma comunidade não é somente um simples conjunto de palavras, mas também um retrato claro de saberes, crenças, valores e experiências compartilhadas.

Para Sousa e Antunes (2017, p. 6), “todos os conhecimentos prévios, todo um sistema de valores aliados às práticas socioculturais das comunidades linguísticas humanas é refletido no léxico utilizado”. Nesse sentido, a investigação etnolinguística permite identificar como os significados das palavras se constroem social e culturalmente e como algumas expressões só são entendidas quando inseridas em seu contexto de uso sociocultural.

O estudo etnolinguístico do léxico compreende o conjunto de palavras e expressões que evidenciam o vocabulário como parte específica do léxico, no qual representa tanto o uso de palavras individuais ou como o conjunto de uma comunidade que carrega identidades próprias

e históricas, funcionando como um reflexo da vivência social por meio da linguagem. Por isso, torna-se crucial entender como as mudanças ocorridas na língua refletem as sociedades que as falam em distintos contextos e culturas. Ante isso, é possível perceber que palavras e expressões relacionadas à dança, religiosidade, curandeirismo e identidade quilombola carregam sentidos fincados na história e no modo de vida desse grupo.

2.2 Lexicologia

Para os estudiosos da língua, há conceitos diferentes para se tratar das características da Lexicologia e Lexicografia, mas é possível afirmar que ambas se dedicam ao estudo do léxico, entretanto com enfoques e objetivos distintos. Como elucida Biderman (1998, p. 9-10), o que delimita essas duas áreas é que a primeira se ocupa “dos problemas teóricos que embasam o estudo científico do léxico”, enquanto a segunda “está voltada para as técnicas de elaboração dos dicionários, para o estudo da descrição da língua feita pelas obras lexicográficas”.

Em consonância, Matoré (1953) considera a lexicologia como uma disciplina de cunho sociológico, uma vez que o léxico sofrerá alterações a depender dos grupos sociais e lugares, sendo uma ocorrência social, ou seja, que não pode ser entendida fora do seu contexto social. Tendo em conta a inter-relação entre forma e conteúdo, essa área não se restringe às formas isoladamente, pois considera a estrutura e suas relações com os fatos sociais que incidem no vocabulário como reflexo e condição.

Com isso, entende-se que a Lexicologia estuda as palavras e seus significados de forma teórica e descritiva, abrangendo “diversos domínios como a formação de palavras, a etimologia, a criação e importação de palavras, a estatística lexical, relacionando-se necessariamente com a fonologia, a morfologia, a sintaxe e em particular com a semântica” (Abbade, 2011, p. 1332).

No contexto dos estudos lexicológicos, há algumas distinções entre palavra, lexia e vocábulo. A palavra é considerada a unidade mínima de análise, opondo-se às noções de termo, lexia e vocábulo, capaz de formar por si só sentido ou frase. A lexia, por sua vez, consiste na “unidade significativa do léxico de uma língua” (Abbade, 2011, p. 1334). Já o vocábulo é a palavra sem autonomia semântica, considerada apenas em seu aspecto formal (Jota, 1976).

2.2.1 O léxico e sua finalidade

O léxico refere-se a um conjunto de palavras que possuem uma série de significados interpretados pelos falantes de uma língua. Esse inventário inclui tanto palavras nativas quanto

empréstimos de outras línguas e está em constante evolução, incorporando e adaptando termos comunicativos da sociedade. De acordo com Biderman (2001), o sistema lexical abrange toda a experiência social e cultural de uma dada sociedade vivenciada no decorrer do tempo. A partir da relação entre língua e sociedade, é notória a influência direta das transformações sociais e culturais no léxico. A esse respeito, Barbosa (1981, p. 120) explica que:

O léxico, cujas formas exprimem o conteúdo da experiência social, é o conjunto dos elementos do código linguístico, em que se sentem particularmente as relações entre a língua de uma comunidade humana, sua cultura - no sentido antropológico - sua civilização; e compreende-se, pois, que uma alteração das unidades desse inventário, seja reflexo de alterações culturais.

Logo, é importante a compreensão do léxico como repositório cultural e identitário de um povo, haja vista que, como esclarece Isquerdo (2001), as escolhas lexicais feitas por uma comunidade refletem as realidades do mundo definida, sobretudo, por fatos culturais. Segundo a autora, o léxico está contido em diferentes grupos sociais e distingue-se conforme cada grupo, relacionado ao modo de vida e ao contexto comunicativo em que os indivíduos estão inseridos.

Sob um prisma regional, o estudo do léxico propicia realizar o levantamento de dados que representam elementos da história, vivência e visão de mundo de um grupo (Isquerdo, 2001). Nessa perspectiva, compreender a natureza léxico-semântica das práticas cotidianas da comunidade quilombola Jenipapo, no município de Caxias, Maranhão, oportuniza reconhecer não só a cultura, mas também a formação do português falado no Brasil, resguardando um saber comum, mesmo com as transformações ocorridas ao longo do tempo, mas que continua sendo um acervo da história do povo brasileiro.

É essencial, para o embasamento da análise léxico-semântica dos falares e práticas da comunidade Jenipapo, a distinção entre vocabulário comum de uso mais geral e vocabulário regional, feita por Isquerdo (2007). Como evidencia a autora, o primeiro engloba o repertório lexical de uma língua, empregado pela maioria da população de um país, enquanto o segundo contém o repertório lexical mais particular, a exemplo do regionalismo, usado por uma ou mais regiões geograficamente próximas.

Portanto, compreende-se que as unidades lexicais de uso comum compõem o repertório linguístico brasileiro, construindo um memorial único de uma comunidade, o qual ganha novos sentidos à medida que o léxico se relaciona com as memórias e as vivências de cada falante. Por essa razão, considera-se importante estudar as unidades lexicais, na tentativa de identificar a ocorrência do léxico na comunidade quilombola Jenipapo, situada na zona rural do município

de Caxias, Maranhão, intentando contribuir para um maior conhecimento desses remanescentes de quilombo e, como consequência, abranger o léxico do português popular brasileiro.

2.2.2 As unidades do léxico

As unidades do léxico são chamadas de lexias, que correspondem a palavras, expressões ou termos com acepções próprias dentro de uma língua. A lexia pode ser uma palavra isolada ou uma combinação de palavras com um significado específico. Conforme a terminologia de Pottier (1978, p. 269), trata-se da unidade do léxico atualizada no discurso, que pode surgir de um “hábito associativo” ou a partir de um “processo lento de lexicalização de uma sequência”.

As lexias se constituem como unidades lexicais memorizadas, com diferentes formas e estruturas, mas situadas no repertório existente em uma língua. Elas podem ser classificadas como simples, compostas, complexas ou textuais. A lexia simples é formada por apenas uma palavra, tida como a menor unidade lexemática. Já a composta é a sequência em processo de lexicalização, considerada polilexemática, isto é, formada por dois ou mais radicais, como em “capim-santo”, a qual possui duas formas simples que, ligadas por hífen, compõem um único significado (Pottier, 1978).

A lexia complexa diferencia-se da composta devido ao elevado nível de lexicalização, sendo constituída por morfemas lexicais e gramaticais sem autonomia semântica, com ou sem emprego de hífen, tendo significado próprio e uso frequente na língua e podendo mudar dentro de uma estrutura fixa (Barros, 2004). A exemplo do proposto por Pottier (1978), a lexia “mal de sete dias” é formada por três radicais que, juntos, compõem uma só unidade semântica. Já a lexia textual atinge o nível de enunciado ou texto, como provérbios e ditados populares, cujo sentido não é literal e depende da utilização feita pelos falantes em contextos específicos.

Ante o exposto, percebe-se que o léxico de uma língua é dinâmico e se constitui como um vasto acervo linguístico que representa a cultura de um povo, visto que, muitas vezes, pode ser algo específico de dado lugar ou grupo social, suas concepções, interesses e práticas (Sapir, 1961). Nessa ótica, o léxico que caracteriza a comunidade quilombola Jenipapo se torna cada vez mais rico à medida que os falantes o utilizam no dia a dia.

2.2.3 Campo léxico-semântico

O conjunto de palavras com significado comum ou relacionadas entre si por meio de significados forma uma rede de grupos semânticos. Os falantes, durante a comunicação, alteram

“as áreas de significação das palavras” (Biderman, 2001, p. 179), criando seu próprio repertório semântico. Essa rede semântica estrutura-se em dois eixos ligados pelo léxico: o do indivíduo e o da sociedade propriamente dita, uma vez que o indivíduo expressa sua visão subjetiva sobre a sociedade por meio das palavras (Biderman, 2001).

Diante disso, a teoria do campo semântico de Biderman (2001) ajuda a esclarecer que a língua é um sistema de representações mentais que organiza e, ao mesmo tempo, classifica os significados das palavras. A língua é uma ferramenta social e cultural que reflete experiências e práticas de um grupo. Essa rede de significações imputada a uma lexia é chamada, pela autora, de campo semântico.

Para Biderman (2001), o campo semântico consiste em uma rede de relações entre as palavras que compartilham significados similares ou que estejam conectadas por um núcleo semântico comum. Dessa maneira, essas palavras não são entendidas isoladamente; há uma relação mútua entre elas, estabelecendo um agrupamento de significados que se interligam no eixo linguístico e social. Para Hjelmslev (1975 *apud* Biderman, 2001, p. 187):

As significações ditas léxicas de certos signos são sempre apenas significações contextuais artificialmente isoladas ou parafraseadas. Considerado isoladamente, signo algum tem significação. Toda significação de signo nasce de um contexto, quer entendamos por isso um contexto de situação ou um contexto implícito, o que vem a dar no mesmo.

Portanto, o campo léxico-semântico é essencial para os estudos lexicais, por permitir a identificação de quais léxicos devem ser trabalhados e qual domínio conceitual uma palavra ou expressão pertence, conforme o campo lexical em foco, estabelecendo limites e organizações das lexias. Nesse bojo, esta pesquisa analisa palavras e/ou expressões faladas na comunidade Jenipapo, com base em cinco campos semânticos que nortearam a criação de um questionário aplicado aos moradores: dança, religião, identidade quilombola, curandeirismo e racismo.

2.3 Lexicografia

Segundo Matoré (1953), a palavra é um processo histórico e social, sendo impossível abstraí-la do fator tempo, haja vista que, para entender o contexto vivenciado pelos falantes, é importante conhecer o léxico. Na concepção do autor, é “partindo do estudo do vocabulário que tentaremos explicar uma sociedade” (Matoré, 1953, p. 94). Para tanto, compete à lexicografia fazer esse registro vocabular. Com esse enfoque, a presente pesquisa visou registrar o léxico da

comunidade quilombola Jenipapo, analisando a existência de certas palavras em dicionários, seus significados, suas formas e seus usos no contexto social vivido pelos moradores.

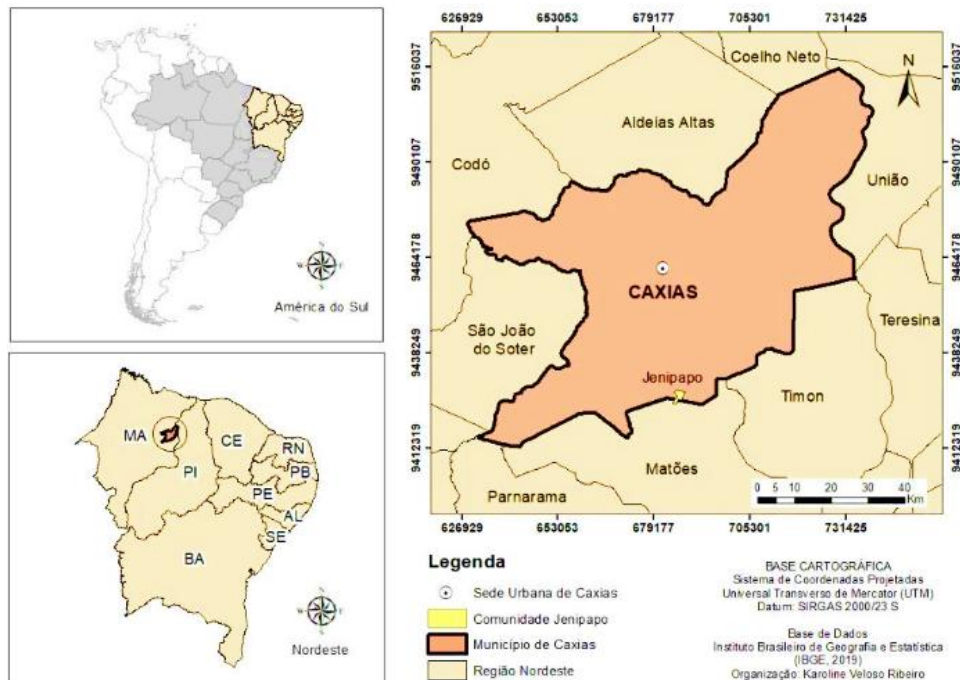
As investigações a respeito da existência e dos significados desses léxicos, quer seja em uma época, sociedade e cultura específica, baseiam-se nessas fontes lexicográficas. Conforme frisam Rodrigues-Pereira e Zavaglia (2023, p. 9), “as investigações no âmbito da Lexicografia costumam ter o dicionário, objeto de estudo, como ponto de partida e de chegada do lexicógrafo, em suas diferentes possibilidades de estudo”. O dicionário é, então, de grande importância em estudos lexicais, pois propicia ampliá-los tanto nas elaborações quanto nas pesquisas acerca dos significados das palavras.

Na percepção de Krieger (2010, p. 136), “o dicionário é um texto que fala da língua e da cultura, funcionando como um componente de expressão cultural e ideológica, tecido sob a aparência de catálogo de palavras”. Em consonância com essa noção, Lara (1997) o considera um objeto linguístico digno de atenção, em virtude de sua natureza semântica e semiótica e do seu papel social. Constitui-se como um repositório da memória social, intrinsecamente inserida nos itens lexicais de forma organizada, mediante a criação de registros da língua baseados nas vivências e experiências que reforçam esse repertório linguístico.

2.4 Comunidade quilombola Jenipapo, em Caxias, Maranhão

A pesquisa foi realizada na comunidade quilombola Jenipapo, localizada na zona rural do município de Caxias, Maranhão. A comunidade é subdividida em duas áreas (Jenipapo 1 e 2), localizada a 14 km do povoado Baú, distante 40 km da sede do município. Seu acesso se dá através da MA-034 e da BR-226, configurando-se como a primeira comunidade remanescente de quilombo oficialmente certificada no referido município.

Figura 1 – Localização geográfica da comunidade quilombola Jenipapo, em Caxias, Maranhão, Nordeste, Brasil



Fonte: Melo *et al.* (2022).

Nota: Na imagem, destacam-se a região Nordeste do Brasil, o estado do Maranhão e, em especial, o município de Caxias, onde se localiza a comunidade quilombola Jenipapo.

Consoante a Fundação Cultural Palmares (FCP, 2024), a região Nordeste concentra o maior número de comunidades quilombolas em 2024; o Maranhão é o segundo estado com a maior concentração de comunidades quilombolas, ficando atrás apenas da Bahia. Há um total de 899 comunidades no território maranhense, mas somente 634 são certificadas. Já na cidade de Caxias, há nove comunidades identificadas e certificadas por essa agência governamental.

No entanto, em 2006, o “Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia” (PNCSA), em parceria com a Associação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (Aconerug), fez um levantamento das comunidades quilombolas existentes no município de Caxias, levando em conta aspectos culturais, religiosos e falas. Foram registradas doze comunidades certificadas oficialmente como comunidades remanescentes quilombolas: Jenipapo, Gameleira, Quilombo, Nazaré do Bruno, Soledade, Mucambo, Mimoso, Lavras, Jaboti, Olho D’Água do Raposo e Usina Velha. Dentre elas, destaca-se a comunidade Jenipapo, onde este estudo foi realizado, conforme se vê na Tabela 1.

Tabela 1 – Informações das comunidades certificadas do município de Caxias, Maranhão

Comunidade	Processo FCP	Portaria	Data DOU
Jenipapo	Certificada	87/2014	31/07/2014
Cana Brava das Moças	Certificada	109/2013	30/07/2013
Soledade	Certificada	109/2013	30/07/2024
Mimoso	Certificada	302/2018	12/11/2018
Lavra	Certificada	274/2018	08/11/2018
Lagoa dos Pretos e Centro das Lagoas	Certificada	266/2018	08/11/2018
Usina Velha e Mulatas	Certificada	75/2024	09/04/2024
Curicas e Lagoas dos Campos	Certificada	75/204	09/04/2024
Barra da Tereza	Certificada	112/2024	15/05/2024

Fonte: Organizado a partir de FCP (2024).

Nota: Evidenciam-se a etapa atual do processo, o número da portaria e sua respectiva data no *Diário Oficial da União* (DOU).

Além disso, das doze comunidades certificadas, somente a comunidade Olho D'Água, no Palmares, não tem certificação pela FCP, mas, junto à comunidade Jenipapo e Usina Velha, é certificada pelo Instituto de Colonização e Terras do Maranhão (Iterma) em parceria com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), como exposto na Tabela 2.

Tabela 2 – Comunidades remanescentes de quilombos intituladas em Caxias, Maranhão, pelo Iterma e pelo Incra

Comunidade	Nº de famílias	Área territorial	Órgão expedidor	Data
Jenipapo	74	558,5242	Iterma	01/11/2002
Olho D'Água da Raposa	72	187,333	Iterma/Incra	27/12/2005
Usina Velha	76	1.160,9576	Iterma/Incra	01/09/2006

Fonte: Organizado de INCRA (2024).

A comunidade quilombola Jenipapo está certificada pela FCP, desde 2014, tendo sua titulação pelo Incra no ano de 2002; logo, percebe-se se tratar de uma comunidade bastante antiga, legitimada há mais de 23 anos. A comunidade divide-se em dois núcleos populacionais: Jenipapo 1 e Jenipapo 2. Vale ressaltar que este estudo foi realizado no núcleo Jenipapo 1, no qual residem 74 famílias e existe somente uma escola quilombola de ensino fundamental I (1º ao 5º ano). Segundo o líder local, a comunidade se caracterizou pela permanência de escravos em busca de abrigo e alimentos. Existe, inclusive, um importante fator histórico: uma cacimba (reservatório de água) construída pelos próprios escravos para proteção e sobrevivência.

Quanto à organização econômica, verificou-se que os moradores de Jenipapo trabalham na agricultura, principal atividade, com plantações de feijão, macaxeira e arroz. No cultivo de mandioca, destaca-se a produção de farinha nas chamadas “casas de farinha”. Existem árvores frutíferas como mangueira e cajueiro, para a subsistência alimentar das famílias. Há também a criação de animais, como galinha, bode e boi, os quais, em sua maioria, são vendidos na própria comunidade e na zona urbana, servindo de sustento familiar. A maioria das mulheres residentes é trabalhadora doméstica e aposentada, apenas duas têm formação de nível médio e superior, atuando, respectivamente, como agente de saúde e professora.

No tocante às práticas religiosas e tradições culturais dos moradores, há apenas uma capela (católica), espaço cedido por uma das moradoras para a realização de práticas religiosas e de outros eventos na comunidade. As práticas religiosas de matriz africana ocorrem somente nas casas de duas moradoras, para trabalhos relacionados à cura. A prática do curandeirismo, portanto, se faz muito presente para tratar doenças sobrenaturais, como mau-olhado, em que os moradores recorrem ao benzedor e fazem uso de plantas medicinais.

Dentre as suas tradições culturais, sobressaem-se ainda as missas, os festejos, as danças e brincadeiras. As danças dividem-se em Dança do Lili e baião, das quais todos participam e se reúnem na casa da professora Maria da Conceição. Essa moradora é uma das organizadoras da Dança do Lili, uma tradição transmitida por gerações e ocorrida na Semana Santa.

Na Dança do Lili, os brincantes ficam de braços cruzados, sem instrumento musical, fazendo batuque com os pés e as mãos, e há um mandador/cantor que puxa os versos e guia os demais membros da roda. Já o baião é comemorado uma vez ao ano, sem um dia específico, mas acontece comumente no Dia de São Pedro, padroeiro da comunidade, como um momento de descontração; sua batida é ao som de instrumentos como triângulo, pandeiro, gafanhoto, teclado e violão, e os integrantes ficam em pares ou sozinhos rodando pelo terreiro.

Convém salientar que a comunidade está mais urbanizada, com fácil deslocamento para a cidade e dispondo de acesso à Internet. Ainda assim, os moradores mais antigos tentam manter e repassar à nova geração a tradição dos seus modos de vida e suas culturas.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Tipo de pesquisa

Neste estudo, adota-se a abordagem qualitativa, que, conforme Bogdan e Biklen (2003), engloba dados descritivos, com atenção conferida ao processo, significado e análise indutiva. Para Gil (2017), esse tipo de pesquisa possibilita levantar opiniões, atitudes e crenças de dada população, além de identificar e descrever características de sujeitos, grupos ou fenômenos. Com esse propósito, nesta investigação, foram realizadas coletas e identificação dos registros linguísticos da comunidade Jenipapo, tendo em vista a escassez de estudos linguísticos.

3.2 *Corpus* da pesquisa

Inicialmente, elaborou-se uma ficha de localidade, utilizada para conhecer o modo de vida de cada participante. Por meio das respostas, elaborou-se um questionário, que contempla perguntas relacionadas ao modo de vida, tradições, religiões e ocupações. As respostas obtidas foram gravadas, com duração de 30 a 40 minutos, no período de dois meses. Posteriormente, cada resposta foi inserida no *software* AntConc e analisada mediante os dicionários *Aurélio*, *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana* e *Houaiss*, a fim de verificar o registro ou não e, quando houver, saber se a aceção é equivalente nas respectivas obras lexicográficas.

3.2.1 Instrumento da pesquisa

O questionário adotado visou coletar informações pessoais, como nome, sexo, idade, naturalidade, tempo residindo na comunidade, estado civil e nível de escolaridade. A coleta de tais informações foi de grande importância, pois possibilitou traçar o perfil dos participantes, colaborando como uma guia para a identificação das lexias.

3.2.2 Coleta e análise dos dados

As entrevistas foram gravadas com um *smartphone* (*Iphone* 13). As gravações foram armazenadas como forma de preservar a fala de cada informante. As falas foram escutadas e redigidas com o programa de edição *Microsoft Word*, considerando os formatos atualizados de

pesquisa. O material transcrito foi inserido no *software* AntConc, que compilou e selecionou as lexias para análise.

Para a coleta dos léxicos, utilizou-se o *Antconc*, *software* gratuito de análise textual e linguística de *corpus*, criado por Laurence Anthony, bastante usado em pesquisas linguísticas. De fácil acesso, o programa possibilita investigar conjuntos amplos de textos, disponibilizando meios como busca de palavras e expressões, concordâncias, lista de frequência, colocações presentes, padrões linguísticos e diferenças vocabulares. Como tal, resulta em uma ferramenta prática e satisfatória para estudos do léxico e do uso da linguagem em contextos diversos.

Depois, o arquivo selecionado foi convertido para o formato *txt*. Após esse processo, o programa gerou uma lista contendo todas as lexias presentes nas entrevistas. Posteriormente, as lexias foram selecionadas e analisadas levando em conta os verbetes dos dicionários e fatores etnolinguísticos. Para tanto, foram utilizados o *Dicionário Aurélio*, a *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana* e o *Dicionário Houaiss* on-line. O uso desses dicionários na verificação das existências das lexias coletadas deu-se em razão da ampla base contida neles, uma vez que apresenta um repertório lexical diversificado.

Ademais, esses materiais possuem credibilidade acadêmica, pois são obras de grande reconhecimento na área da lexicografia, o que propiciou fazer um cruzamento entre registros lexicais tradicionais e específicos. As lexias selecionadas foram pesquisadas nesses dicionários e, em caso de registro em todos ou em um deles, inseridas em uma tabela no programa *Excel*, contendo os verbetes, os significados e as falas dos informantes para verificação de acepções equivalentes. Em caso de lexias não registradas nos dicionários, elas foram classificadas como pertencentes à comunidade, sendo seu significado indicado com base nas falas dos informantes.

3.2.3 Processo de categorização lexical

Após a obtenção da lexia por meio do AntConc, iniciou-se o processo de categorização lexical, mediante a organização das lexias, cujas categorias foram representadas pelos campos a seguir:

- 1 – **lexia**: as palavras selecionadas para análise;
- 2 – **referências gramaticais**: informam o gênero e a classe gramatical;
- 3 – **domínio de aplicação do campo**: a que campo semântico a lexia pertence;
- 4 – **indicação de dicionarização**: ordenamento em três grupos das lexias analisadas, sendo (i) o primeiro formado por lexias não dicionarizadas (LND), (ii) o segundo

constituído por lexias dicionarizadas com acepção diferente do sentido fornecido pelos informantes (LDAD) e (iii) o terceiro composto por lexias dicionarizadas com acepção equivalente ao sentido fornecido pelos informantes (LDAE);

- 5 – **contexto**: de acordo com a fala do informante;
- 6 – **notas linguísticas**: saber a que língua a lexia pertence;
- 7 – **notas enciclopédicas**: explicação linguística do uso das lexias nas diferentes áreas do conhecimento.

3.3 Informantes

Para esta pesquisa, foi de suma importância traçar o perfil dos informantes, como sexo, idade e escolaridade, uma vez que esses aspectos influenciam a forma como os falantes usam a língua. Assim, pôde-se perceber as variações lexicais e semânticas contidas nas informações presentes nas falas, conforme o gênero, a idade e o nível de escolaridade. Foram entrevistadas doze pessoas, com idade entre 30 e 69 anos, sendo oito mulheres e quatro homens. Dentre os entrevistados, nove estudaram até a 4ª série do ensino fundamental e dois possuem formação de nível médio e superior, como indicado na Tabela 3.

Tabela 3 – Disposição dos códigos dos entrevistados, siglas dos nomes dos praticantes, condições de gênero e idade

Código do entrevistado	Abreviação do informante	Sexo	Idade
1	ZN	Masculino	58 anos
2	DR	Feminino	59 anos
3	FN	Feminino	31 anos
4	GM	Feminino	49 anos
5	MR	Feminino	50 anos
6	JR	Masculino	60 anos
7	RM	Feminino	68 anos
8	DC	Feminino	50 anos
9	SO	Masculino	62 anos
10	TJ	Feminino	53 anos
11	DL	Feminino	69 anos
12	JF	Masculino	54 anos

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

3.3.1 Homens

- 1 – Atual líder da comunidade, tem 58 anos, é natural de Jenipapo, filho de agricultor rural, cujo pai era natural da comunidade e a mãe, de outra. É casado, sua esposa é aposentada; ainda vive do trabalho da roça e de suas criações (bode, galinha e boi), além de trabalhar como vigia da escola local. Fez até a 4ª série do ensino fundamental e demonstrou conhecimentos acerca de suas origens, comunidade, cultura e identidade.
- 6 – Tem 60 anos, é natural de Jenipapo, filho de agricultor rural, cujos pais são naturais da comunidade, e bisneto de escravos. Tem criações de animais. Fez até a 4ª série do ensino fundamental. Possui amplo conhecimento a respeito dos seus antepassados e chegou a presenciar a cacimba construída pelos escravos. Fez um profundo relato sobre a história da comunidade.
- 9 – Tem 62 anos, não é natural da comunidade, mas reside nela há mais de 30 anos. É filho de agricultores rurais, casado — cuja esposa trabalha em casa e cuida dos filhos — e tem uma casa de farinha e plantações na roça, além de trabalhar como vigia na escola local. Fez até a 4ª série do ensino fundamental, é conhecedor da história da comunidade e se identifica como quilombola.
- 12 – De 54 anos, é natural de Jenipapo, casado e tem uma filha. Trabalha na roça e ajuda a cuidar da casa e da esposa devido às condições de saúde dela. Estudou até a 4ª série do ensino fundamental e demonstrou amplo conhecimento concernente à história dos seus antepassados.

3.3.2 Mulheres

- 2 – Tem 59 anos, não é natural de Jenipapo, mas reside lá há mais de 30 anos. Relata ter sido picada por uma cobra, que a deixou cega, é considerada a benzedeira da comunidade e praticante da umbanda, exercendo na religião a parte da ciência (cura). Estudou até a 4ª série do ensino fundamental e demonstrou conhecer a história da comunidade.
- 3 – Tem 31 anos, é natural da comunidade, bem como seus pais. Tem ensino superior completo, em Pedagogia, trabalha como professora na comunidade, é casada e tem um filho.

- 4 – Tem 49 anos, é natural de Jenipapo, assim como os pais. Vive da roça e de suas criações de animais (galinha e bode). Estudou até a 4ª série do ensino fundamental.
- 5 – Tem 50 anos, ela e seus pais são naturais da comunidade, é bisneta de escravos. Tem ensino superior completo, em Serviço Social, e trabalha como assistente social.
- 7 – Tem 68 anos, é natural de Jenipapo, não alfabetizada, por ter começado a trabalhar desde cedo.
- 8 – Tem 50 anos, natural da comunidade, é agricultora rural e recebe auxílio do governo (Bolsa Família). Estudou até a 4ª série do ensino fundamental.
- 10 – Tem 53 anos, é natural de Jenipapo, com pais de mesma naturalidade, e bisneta de escravo. Vive sozinha em sua residência, mas próxima dos irmãos. É quem organiza as festas na comunidade e uma das responsáveis por cuidar da capela local. Estudou até a 4ª série do ensino fundamental, não concluindo seus estudos.
- 11 – Tem 69 anos, é natural da comunidade, casada e com filhos. É aposentada e estudou até a 4ª série do ensino fundamental.

4 RESULTADOS

No presente estudo, a partir da identificação da ocorrência do léxico encontrado na comunidade Jenipapo, foi possível registrar 54 lexias contidas nas fichas lexicográficas. Desse total, 36 estão registrados nos dicionários *Aurélio*, *Diáspora Africana* e *Houaiss*, enquanto 8 não estavam registradas em nenhum dos dicionários pesquisados. Foram encontradas 6 LDAD e 30 LDAE. Ademais, identificou-se que, das 54 lexias registradas, 18 foram caracterizadas como LND, sendo lexias pertencentes à comunidade.

A seguir, apresentam-se todas as lexias encontradas na pesquisa e seu respectivo grupo. O primeiro grupo contém o conjunto de LND, a saber: Maria Padilha, pagar terço, tambor de umbanda, mês de Maria, Indeína, Araína, Cabocla Duarte, Princesa Encantada, Chefe de Coroa, pau carcundo, malva do rei, introsada ou mal de sete dias, arca ou espinhela caída, mau-olhado, tirar sol, capim-santo, pinhão roxo e Dança do Lili.

4.1 Lexias não dicionarizadas

- **Lexia “Maria Padilha” (religião)**

A lexia “Maria Padilha” não contém registro nos dicionários, entretanto é citada, pelo informante JR, como uma entidade espiritual que se manifesta em sua esposa. A ausência da lexia nas obras lexicográficas reforça a relevância dos registros etnográficos, uma vez que essas identidades recebem denominações diferentes conforme o contexto cultural, sendo cultuadas em diferentes comunidades religiosas.

Quadro 1 – Ficha lexicográfica 1 – lexia “Maria Padilha”

<i>“tem a Maria Padilha, a vovó, tem a (engacha nas vogais o e a) tem o” (Info. JR).</i>		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
Não contém registro.	Não contém registro.	Não contém registro.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Dessa maneira, o uso do léxico “Maria Padilha”, pela comunidade Jenipapo, revela um saber religioso tradicional, transmitido oralmente, que escapa às classificações formais, mas é profundamente significativo e enraizado na vivência espiritual do grupo. Por isso, destaca-se a

importância desse registro, uma vez que essa entidade é conhecida por outros nomes em outros lugares, o que reforça a riqueza cultural e linguística da comunidade.

- **Lexia “pagá terçu” (religião)**

Essa lexia, dita por MR, não tem registro em dicionários, a qual é compreendida como a união de praticantes do catolicismo — mulheres, em maior número — que realizam rezas em forma de gratidão por alguma promessa, sendo um “sacrifício” na condição de agradecimento à entidade que realizou tal pedido. Além disso, a lexia destacada pela participante pode ser agregada à ideia de devolução.

Quadro 2 – Ficha lexicográfica 2 – var. “Pagar terço”

<i>“e algumas promessa aí pagá o terçu em alguma casa, é assim que funciona aqui” (Info. MR).</i>		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
Não contém registro.	Não contém registro.	Não contém registro.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Essa prática vivenciada pelos moradores evidencia as práticas religiosas que se tornam indispensáveis à comunidade. O registro etnográfico reforça o comprometimento, a cultura e a tradição vivenciados por essa comunidade.

- **Lexia “tambô di umbanda” (religião)**

“Tambor de umbanda”, conforme a fala da informante, é quando os encantados precisam brincar. A cada batida dada no tambor, são invocadas entidades. A lexia não está registrada nos principais dicionários consultados, embora a palavra “tambor” exista, porém de forma isolada. Para a comunidade, possui um significado mais amplo e específico, para além de instrumento de percussão. Trata-se de um mediador entre o mundo material e espiritual, exercendo função litúrgica e social.

Quadro 3 – Ficha lexicográfica 3 – var. “Tambor de umbanda”

<i>“A da umbanda tem mesmo, tem os dia da relegião, fazer aquele passo, rezar e bater o tambô. É o tambo da umbanda tem os dia de bater o tambo da festa e tem o dia fazer as oraçãum qui é a gente que vai fazer as oração, ai reza. O tambô é pá fazer as festa, o encantadu trabalha mais precisa di brincar, tem as festa di tambô” (Info. DR).</i>		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
Não contém registro.	Não contém registro.	Não contém registro.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

- **Lexia “Mêisi di Maria” (sincretismo religioso)**

A lexia “Mês de Maria” não está registrada em nenhum dicionário, no entanto, para a comunidade, faz referência ao mês de maio, que está religiosamente associado ao período em que os católicos comemoram o mês de Maria.

Quadro 4 – Ficha lexicográfica 4 – var. “Mês de Maria”

<i>“e reza eu acho qui é mês de maio que chama o mêisi de Maria também, esse ele reza o mêisi todim e encerra dia 31” (Info. ZN).</i>		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
Não contém registro.	Não contém registro.	Não contém registro.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Como nomeação popular e devocional para o mês de maio, a lexia “Mês de Maria”, embora ausente nos repertórios lexicográficos, possui total reconhecimento e funcionalidade dentro da comunidade. Trata-se de um exemplo evidente de lexia culturalmente significativa, na qual a oralidade e a prática coletiva especificam a necessidade de registro formal, frisando o valor etnográfico do vocabulário popular.

- **Lexia “Indeína” (religião)**

A lexia “Indeína” não possui registro em nenhuma fonte lexicográfica, contudo, para Jenipapo, faz referência a uma figura espiritual feminina. Apesar de não possuir significados registrados nos dicionários consultados, é um léxico de grande relevância para a comunidade, uma vez que, segundo a informante, essa entidade ajuda nos trabalhos relacionados à ciência e cura, beneficiando os moradores.

Quadro 5 – Ficha lexicográfica 5 – lexia “Indeína”

<i>“aí tem minha encatada que foi confirmada em mim, aí ela chama, ela se dá o nomi de cura, mais só qui o nome dela é Indeína” (Info. DR).</i>		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
Não contém registro.	Não contém registro.	Não contém registro.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A ausência de registro em dicionários convencionais reforça o caráter oral, ancestral e comunitário do conhecimento relativo a questões mais profundas. A lexia pode ser entendida como exemplo de saber não apenas conceitual, mas também relacional e espiritual, visto que, ao receber essa entidade de cura, pode-se perceber a aproximação entre o mundo espiritual e o físico.

- **Lexia “Araína” (religião)**

A lexia “Araína” não tem registro nos dicionários utilizados, entretanto representa uma entidade espiritual que realiza trabalhos referentes a ciências e curas. Esse termo é um excelente exemplo de léxico profundamente enraizado no saber religioso e espiritual de uma comunidade, evidenciando a riqueza e complexidade dos vocábulos de uso oral e local.

Quadro 6 – Ficha lexicográfica 6 – lexia “Araína”

<i>“aí tem a outa Araína” (Info. D.R).</i>		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
Não contém registro.	Não contém registro.	Não contém registro.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Vale destacar que essa lexia possui elevado valor simbólico e cultural, que expressa a presença do sagrado na vida cotidiana da comunidade, mostrando um léxico espiritual, que vai muito além de registros em fontes lexicográficas; ele habita o corpo, a fala e os ritos.

- **Lexia “Caboca Duarte” (religião)**

A lexia “Caboca Duarte” não tem registro em nenhum dos dicionários utilizados, sendo, portanto, uma entidade com papel em Jenipapo. De acordo com a informante, refere-se a uma entidade feminina espiritual que exerce um importante papel, atuando como agente de cura e proteção. Faz parte de um universo espiritual rico, transmitido e reconhecido oralmente, com forte vínculo com a identidade cultural e religiosa da comunidade.

Quadro 7 – Ficha lexicográfica 7 – var. “Cabocla Duarte”

<i>“e aí tem a outa caboca Duarte que chama prencesa encatada e tem a Joana Nagunça também, qui passa a corrente dela mais não é minha, é princesa também” (Info. D.R).</i>		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
Não contém registro.	Não contém registro.	Não contém registro.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

O registro dessa lexia, para a presente pesquisa, é de suma importância, por contribuir nas práticas religiosas e, até mesmo, culturais. Assim, faz-se necessário o registro e a análise desse léxico para o estudo, enriquecendo o vocabulário e demonstrando a identidade e práticas da comunidade. É uma entidade que não está nos acervos lexicográficos, mas no corpo e na voz de quem a incorpora e, por isso, carrega saberes profundos que merecem ser documentados.

- **Lexia “Prencesa Encantada” (religião)**

A lexia “Prencesa Encantada” não contém registro nos dicionários utilizados, todavia aparece na fala da informante como nome de uma entidade, associada ao campo religioso das práticas de incorporação espiritual, possivelmente vinculada à umbanda ou aos encantados presentes em religiões afro-indígenas brasileiras. É uma entidade feminina que compõe uma “corrente”, um conjunto de forças espirituais que atuam em um terreiro ou uma sessão de cura.

Quadro 8 – Ficha lexicográfica 8 – lexia var. “Princesa Encantada”

<i>“que chama prencesa encatada e tem a Joana Nagunça também, qui passa a corrente dela mais não é minha, é princesa também” (Info. D.R).</i>		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
Não contém registro.	Não contém registro.	Não contém registro.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A lexia, mesmo não contendo registro, é funcional e significativa no repertório religioso e espiritual da comunidade pesquisada. Existe uma variação fonética local designada “Princesa Encantada”. No entanto, são palavras que têm registros isoladamente.

- **Lexia “Chefi di Coroa” (entidade/religião)**

A lexia “Chefi di Coroa” refere-se à entidade espiritual principal de uma pessoa, que ocupa lugar de liderança ou comando no campo espiritual individual do praticante — nesse caso, o Baiano. A palavra “coroa”, nas religiões afro-brasileiras, como umbanda e candomblé, pode simbolizar o campo espiritual de uma pessoa, sendo o “Chefe de Coroa” aquele que lidera ou representa a principal força espiritual de quem o recebe.

Quadro 9 – Ficha lexicográfica 9 – var. “Chefe de Coroa”

<p><i>“O chefi di coroa dela é o baiano, viu, tem a Maria Padilha, a vovó, tem a (engacha nas vogais o e a) tem o neném, tem a chica baiana e tem maisi varius, varius ai é prugê a genti esquece. Eu sempri procuro, digo rapaizi ôceizi saum, saum assim um fruto novo ou véi, naum daí é du tempo da escraviduum, aí era aquelis pessoal qui era mal, ai ficou essas alma assim, fazeno essa maldadi derubano, maisis ai cum aquelis com o tempo, elis vai se acostumano com a genti e a genti cum elis” (Info. J.R).</i></p>		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
Não contém registro.	Não contém registro.	Não contém registro.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A lexia não consta nos principais registros lexicográficos, porém é amplamente usada em contextos religiosos afro-brasileiros, como umbanda e candomblé. A presença da expressão ressalta o papel da oralidade e da vivência religiosa na constituição e na circulação de lexias significativas fora dos dicionários convencionais.

- **Lexia “pau caucundo” (planta)**

A lexia “pau caucundo” não contém registro nos dicionários utilizados, a qual, segundo a informante DR, é uma planta medicinal usada para desfazer trabalhos de “mandiga”, místicos e espirituais destinados a alguém. Esse trabalho provoca efeitos na pessoa a quem se destina; contudo, ao tomar o chá dessa planta, começam a sair “porcarias”, ou seja, coisas anormais ou diferentes do ingerido, como cabelo. Na fala, novamente é frisado o perigo místico de relatar essa prática, acerca da qual não se pode falar abertamente, por ser algo restrito.

Quadro 10 – Ficha lexicográfica 10 – var. “Pau carcundo”

<i>“Pau carcundo dá um frutinha bem braquinha, a cura do pau carcundo servi pá porcaria que bota nas pessoa, bota aquelas porcaria nas pessoa e fica botano barro e fica cagano aquelas coisas nojenta. Aí o pau carcundo faz o chá dá bota tudim, aquelas procaria bucha véia. Não é nem coisa das pessoa dizer, bota isso qui eu tô lhe dizeno, sem nunca ter comido isso” (Info. D.R).</i>		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
Não contém registro.	Não contém registro.	Não contém registro.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

- **Lexia “marva/malva do reino” (planta)**

A lexia “marva do rei” não contém registro nos dicionários utilizados, sendo uma planta medicinal usada na comunidade por crianças ou adultos, quando estão com sintomas gripais. Para obter a cura, é feito um lambedor com as folhas da malva do rei, e a pessoa vai tomando até acabá-lo ou sentir melhora.

Quadro 11 – Ficha lexicográfica 11 – var. “Malva do rei”

<i>“a marva do reino a genti faizi o lambedor com açúcar pro meninozim gripado pra noisi mermo grandí aqui tamu tussinu, aí faizi aquela lambedor” (Info. RM).</i>		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
Não contém registro.	Não contém registro.	Não contém registro.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Trata-se, portanto, de um conhecimento botânico tradicional, associado à cura natural e saberes populares. A inclusão do termo em um registro lexicográfico etnográfico valoriza a diversidade linguística e cultural presente nos saberes comunitários, especialmente no campo do curandeirismo.

- **Lexia “introsada/mal de sete dias” (doença)**

As lexias “introsada” ou “mal de sete ou dias” têm o mesmo significado, porém com escritas diferentes. Ambas não contém registro em nenhum dos dicionários pesquisados; são variações lexicais relativas a uma doença conhecida popularmente como convulsão, que, nesse contexto, ocorre em crianças. O termo “convulsão” é uma lexia dicionarizada, cujo significado,

como indica o *Dicionário Aurélio*, refere-se a agitações musculares violentas e desordenadas, isoladas ou em série, causando movimento no músculo. Nas falas dos informantes, é possível observar a relação do mal de sete dias entre crianças, especificamente recém-nascidos, com a abertura da moleira, considerada uma parte sensível.

Quadro 12 – Ficha lexicográfica 12 – lexia “Mal de sete dia ou introsada”

<p>¹ “também tem uma doença chamada de introsada que dá nas criança pequena ela também reza e funciona. Introsada é o, a criança ela começa a ficar tremeno e se espantando e as vezi a criança não consegue falar, ela começa a embola a língua e fica se tremeno, febre e se espatando, reza, ela reza, ela passa alguns remédios, nem dizer quais são, mas funciona, com certeza” (Info. F.N).</p> <p>² “moleira baixa também, afunda isso aqui ai o rezador reza, porque disse que gera os mal de 7 dias e se chamava introsada, eu acho que a introsada, são as convulsões, é chamada também o mal de 7 dias, ate os dias tem o corpo todo aberto né, a última parte que fecha é a moleira” (Info. MR).</p>		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
Não contém registro.	Não contém registro.	Não contém registro.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A cura se dá por meio de rezas e remédios caseiros, cuja identificação dos sintomas é feita pela observação empírica, conectada ao saber ancestral e à função social da benzedeira. Apesar de ausente nos dicionários, o referido termo integra um sistema de saberes baseado nas experiências e sustentado por práticas espirituais.

● **Lexia “arca caída/espinhela” (curandeirismo)**

O léxico “arca caída/espinhela” não contém registro nos dicionários consultados, sendo uma lexia regional, a depender do lugar. O termo é encontrado nas falas dos informantes sobre casos de pessoas que precisam de rezas. Arca caída é um sintoma que ocorre quando a pessoa começa a sentir dores no corpo, significando que “a arca ou a espinhela está caída”. Para sanar esse problema, o morador vai a um benzedor, com um pano, para medir algumas partes do corpo (braço e cintura).

Quadro 13 – Ficha lexicográfica 13 – lexia “Arca caída ou espinhela caída”

¹ “Precisie levantar a arca. Preciso de um pano e bota aqui, aqui, ai vai reza ai depois mede e dá tudo certo. Isso é muito interessante, e funciona mesmo. Eu sinto isso na pratica, é uma dor tao grande e eu precisei ai ele rezava falei com ele e foi” (Info. GM). ² “A minha cunhada faz, ela reza em criança, eu já fui uma vez, essa merminha, ela faz é com oração, a reza mermu pa levantar vento virado, arca caída, é essas coisas” (Info. ZN). ³ “Eu já precisei, tava com a arca caída, eu acho que é a mesma espinhela caída, eu impinduro numa travessa e melhora” (Info. S.O).		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
Não contém registro.	Não contém registro.	Não contém registro.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Logo após a reza, faz-se novamente o processo de medir, e acredita-se que as partes voltam a ter a mesma medida. A condição reflete um entendimento sobre corpo e energia, no qual certos males são causados por desequilíbrios internos, físicos ou espirituais, que exigem o reequilíbrio por meio de rituais e manipulações corporais sutis. Seu uso é comum em regiões rurais e comunidades de tradição oral, apesar de também aparecer em outros lugares. O emprego do verbo “levantar” indica a crença de que algo “desceu” ou “saiu do lugar” e, por isso, deve ser reposicionado mediante rezas.

- **Lexia “mau-oiado” (curandeirismo)**

O léxico “mau-oiado” não contém registro nos dicionários utilizados na análise, é uma crença muito presente em diversas culturas e está associada à ideia de que uma pessoa pode causar mal a outra por meio de um olhar invejoso ou maligno. A forma “mau-oiado” revela a força da oralidade na manutenção de léxicos populares, frequentemente ausentes dos registros acadêmicos, mas amplamente circulantes em contextos comunitários. Assim, sua permanência é sustentada pela crença coletiva na capacidade das palavras e das intenções de gerar efeitos concretos no corpo e no mundo.

Quadro 14 – Ficha lexicográfica 14 – var. “Mau-olhado”

<i>“ali o pinhão roxo servi pra rebater ôi ruim, pra rebater o inimigo, pranta assim e ela mermu faz o trabalho, e rebater as energia ruim, mau oiado, inveja” (Info. D.L).</i>		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
Não contém registro.	Não contém registro.	Não contém registro.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

- **Lexia “tirá o sol/sol na cabeça” (doença/curandeirismo)**

O léxico “tirar sol/sol na cabeça” não contém registro nos dicionários aqui enfocados. É usada em algumas regiões, como em Jenipapo. A informante TJ revela ter ido à benzedeira por conta de insolação e dor de cabeça, termo atribuído a esses sintomas. Para o processo de cura, faz-se um ritual em que se coloca uma garrafa d’água na cabeça. Quando a benzedeira inicia a reza, a água que está na garrafa começa a borbulhar, indicando a “retirada” da dor de cabeça. Segundo a entrevistada, o sol na cabeça aparece devido a uma brecha no telhado da casa, pela qual passa o reflexo solar, cujo contato acarreta dores, principalmente se a luz atingir a cabeça.

Quadro 15 – Ficha lexicográfica 15 – var. “Tirar o sol/sol na cabeça”

<p>¹ “Tem a do sol da cabeça, que a gente pega a muito sol na cabeça, aquela dor aborrecida, aí faz a reza” (Info. GM).</p> <p>² “eu tinha muita dor de cabeça, como inda hoji eu tenho, aí eu ia lá pedir a veinha pá tirar sol. aí ela enchia um vidrim branco com água, ela butava um bucado d’água nele, água do pote, aí bota um pano na cabeça, pano branco, aí bota o vidro aqui, aí ela vai rezá, aí aquelas boinha sobe, a gete vê aquelas boinha sobe. e aquela serviço ali dava jeito. tira dor e cabeca e chama tirar sol, só com água. Ai a veinha dizia assim pra mim, não senta na resta do sol, como bem minha casa tem essa goteras, se o sol tivesse dano ali, sai da resta do sol, pá ele não dá na cabeça” (Info. TJ).</p> <p>³ “Agora o sol que a gente fala, não é esse sol que Deus manda assim não, é aquela reflek qui dá na teia ou então na paia qui vem aquela bolinha, disse qui o sol é aquela, não é esse sol de você tá o mei do tempo não” (Info. JR).</p>		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
Não contém registro.	Não contém registro.	Não contém registro.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A lexia “tirá o sol” é um excelente exemplo da riqueza do léxico da saúde popular e da forma como elementos do ambiente são ressignificados por sistemas simbólicos. A ausência dessa expressão nos dicionários formais ressalta a importância do registro etnográfico para a preservação dos saberes tradicionais e da diversidade linguístico-cultural brasileira.

- **Lexia “capim santu” (planta/curandeirismo)**

As lexias “capim-santu”, “capim de chêru” ou “capim limão” são exemplos de variações existentes na comunidade, faladas por algumas pessoas de formas distintas, entretanto todas possuem o mesmo significado. Essa lexia não contém registro em nenhum dos dicionários consultados, todavia são utilizadas em diversas práticas culturais e medicinais. No contexto das

comunidades quilombolas, o capim santo exerce um papel significativo em rituais de cura, tanto para tratar febre quanto para ser consumido como calmante.

Quadro 16 – Ficha lexicográfica 16 – var. “Capim santo, capim limão e capim de cheiro”

¹ “O <i>capim santo</i> é bom pra febre” (Info. S.O). ² “o <i>capim santo</i> é calmante” (Info. GM). ³ “tem o <i>capim santo</i> , que é o capim de chero e capim limão, é bom pra ansiedade” (Info. MR).		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
Não contém registro.	Não contém registro.	Não contém registro.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

O uso dessa planta é destinado a dois tipos de problemas divergentes. Dela, segundo os participantes S, GM e MR, faz-se um chá que apresenta bons resultados em pessoas com febre e boas propriedades calmantes. A falta de registro nos principais dicionários mostra o quanto o léxico é vasto e rico, demonstrando assim os aspectos etnográficos.

- **Lexia “piãu rôxu” (curandeirismo)**

A lexia “piãu roxu” não contém registro nos dicionários. No entanto, conforme as falas das informantes, é possível compreender que o termo revela um uso tradicional e cultural da planta no contexto do curandeirismo, especialmente em práticas associadas a saberes orais e à medicina tradicional. É utilizada tanto para questões espirituais, na intenção de rebater inveja, quanto para questões medicinais, a fim de obter cura mediante o consumo do chá.

Quadro 17 – Ficha lexicográfica 17 – var. “Pinhão roxo”

¹ “Tem o <i>pião roxo</i> , qui aquela pião. Ai tem o pião que a pessoa faizi o pião, cunzinha o pião e fica passano no corpo todim, qui sai tudim, aí faz o chá e dá pá pessoa bebê, ai vai saino pelo buraquinho” (Info. DR). ² “e ali o <i>pinhão roxo</i> servi pra rebater ôi ruim, pra rebater o inimigo, pranta assim e ela mermu faz o trabalho, e rebater as energia ruim, mal oiado, inveja” (Info. D.L).		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
Não contém registro.	Não contém registro.	Não contém registro.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A lexia “piãu roxu” é um exemplo claro de como língua, plantas e espiritualidade se entrelaçam na oralidade popular. Mesmo ausente dos registros oficiais, ela vive nos discursos

e nas práticas dos falantes, sobretudo em contextos em que a cura e a proteção transcendem o campo biomédico e entram no simbólico e espiritual. É um exemplo vivo de lexia enraizada na experiência comunitária e nos saberes tradicionais.

- **Lexia “Dança do Lili” (dança)**

A lexia “Dança do Lili” não contém registro nos dicionários utilizados na pesquisa. É uma dança de roda típica do município de Caxias, Maranhão, contudo, em Jenipapo, ela se diferencia da dança feita na zona urbana dessa cidade. Na comunidade, um grupo de pessoas faz uma roda, na qual os componentes ficam de mãos dadas e batem as mãos e os pés conforme o ritmo da música, sem o acompanhamento de instrumentos musicais, somente voz e mão.

Quadro 18 – Ficha lexicográfica 18 – var. “Dança do Lili”

<p>¹. <i>A Dança do Lili, se dança pegado assim a roda, pegado no braço do outro, pegano a mã na cintura e ir dançando e todo mundo achano bom. Só isso. Mais a gente cantano e todo mundo respondeno e todo mundo dançano, é assim. (infor.D.R)</i></p> <p><i>A Dança do Lili é um tipo assim você coloca, eu já conheço ela de dois tipo, mais agora a maneira que a gente brinca aqui é diferente, qui era até o senhor que falaceu agora, seu Pelé, lá em Caxias eu vi a dança diferente, aqui a gente coloca, a pessoa de um lado e de outro, agente faz a roda e fica brincano entre a gente sabe, todo mundo participa, faz uma ginga de braço é uma brincadeira bem democrática. Sim, tem o homem e a mulher, e muitas das vezi pode ser homi com homi , não tem problema nenhum. É uma maneira da gente se expressar, porque quando a, diferentemente de uma festa qui ela é uma coisa mais particular, a gente usa, o período que a gente faz essa brincadeiras é tipo de comemoração, a gente usa mais aqui no interior na semana santa, sexta-feira santa, sempre a gente faz uma brincadeira desse tipo. Não existe instrumento, ela não tem é só a voizi e o passo, tem várias músicas. (infor.Z.N)</i></p> <p><i>O Lili é um grupo de pessoa que faz uma roda e canta aquelas canção qui é diferente é na voz mermo das pessoas. Não tem, eu acredito qui não, porque a maioria das musiga é pessoas mesmo que canta, é da voz mesmo da pessoa que tá na roda. A dança é faz a roda aí vai cantano ai vai aquela troca de braço em um entre outro, por exemplo, eu tenho meu par daí eu vou trocno ali os braço passando em roda em roda. Não é o mesmo ritmo, só vai trocno de braço em braço e vai cantano e vai dançano aquele movimento, fazeno aquela movimento, a troca de braço com braço. (infor. f.N)</i></p>		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
Não contém registro	Não contém registro.	Não contém registro

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A Dança do Lili representa uma manifestação cultural e identitária da comunidade em foco, marcada por formas próprias de execução que lhe conferem singularidade. Por isso, seu registro etnográfico é de suma importância, por evidenciar uma tradição coletiva, em que os membros se reúnem em celebração, reafirmando sua resistência e fortalecendo sua identidade cultural.

A partir dessas lexias, foi possível identificar que a comunidade quilombola Jenipapo possui marcas identitárias que demonstram uma riqueza linguística local, com expressões que representam a cultura, as tradições e os modos de vida dos falantes. Com base na Etnografia, como já foi dito, língua e cultura estão intrinsecamente interligadas, havendo assim palavras únicas, que só serão entendidas em dado contexto ou com a realização de estudos linguísticos.

As lexias coletadas, neste estudo, possibilitam entender que, mesmo havendo registros, os significados são totalmente diferentes ou, até mesmo, baseados em vivências que alteram palavras e acepções. Dando prosseguimento, o segundo grupo está formado pelo conjunto de LDAD, a saber: bolinha, Neném, Baiano, ginga, versos e gafanhoto.

4.2 Lexias dicionarizadas com acepção diferente da fornecida pelos informantes

• Lexia “bolinha” (doença/curandeirismo)

A lexia “bolinha” está registrada apenas no *Dicionário Houaiss*, entretanto com sentido diferente do encontrado na comunidade, o qual foi apresentado na fala da participante DR. Em Jenipapo, significa uma inflamação que se manifesta na pele do ser humano, criando feridas, dentro das quais se alojam “bichinhos”. Consoante a informante, é algo que pode ser atraído; por isso, os moradores a entendem como uma doença que se dá em razão de algum trabalho místico, sendo, portanto, uma prática ruim, sobre a qual preferem se abster.

Quadro 19 – Ficha lexicográfica 19 – lexia “Bolinha”

<p>¹ “acho qui você, não vou dizê, um dia você vai entende. Tem uma doença qui da nas pessoa qui si chama bolinha, as pessoa não entende isso, as pessoa tem uma ferida aqui, uma coisa, aí despoisi não sara, aí vai pensar que mosca que pôs e num é, cria aquelis bichinhos na carne, aquilo dali se chama bolinha, num é bicho. Ai tem o pião que a pessoa faizi o pião, cunzinha o pião e fica passano no corpo todim, qui sai tudim. Ai a gente pega aquela quarenta gaia, aí faz o chá e dá pá pessoa bebê, ai vai saino pelo buraquinho” (Info. DR).</p>		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
Não contém registro.	Não contém registro.	s.f. 1 pequena bola. 2 conta; miçanga. 3 m.q. poá . 4 <i>Bras</i> ; <i>infrm.</i> pílula de psicotrópico. 5 <i>Bras</i> ; <i>lud.</i> m.q. bola de gude .

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A cura da doença ocorre por meio do preparo de um chá da planta pinhão roxo, o qual é considerado um remédio milagroso. Embora dicionarizada, a palavra “bolinha” possui um

deslocamento semântico completo no contexto da saúde popular — de “objeto redondo” para “doença localizada na pele”. A acepção corrente nos dicionários não contempla esse uso, cuja descrição inclui elementos de diagnóstico popular e cura tradicional, marcando sua relevância no campo do curandeirismo.

- **Lexia “Neném” (entidade/religião)**

A lexia “Neném” está registrada nos dicionários, porém com uma acepção diferente da encontrada na comunidade, onde remete a uma entidade com características de criança.

Quadro 20 – Ficha lexicográfica 20 – var “Neném”

<i>¹ “O chefi di coroa dela é o baiano, viu, tem a Maria Padilha, a vovó, tem a, tem o neném, tem a chica baiana e tem maisi varius, varius ai é prugê a genti esquece” (Info. JR).</i>		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
criança de colo, nenê; bebê, bebé. (Pl.: <i>-néns</i>).	Não contém registro.	<i>s.2g. m.q.</i> bebê.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Embora registrado nos dicionários como sinônimo de “bebê” ou “criança de colo”, o léxico “neném” tem valor simbólico e espiritual em Jenipapo. A figura do neném reforça a pluralidade simbólica das entidades e a importância da oralidade e da vivência religiosa para a construção lexical da comunidade.

- **Lexia “Baianu” (entidade/religião)**

A lexia “Baianu” está registrada em dicionários, no entanto com sentido diferente do encontrado na comunidade. Em Jenipapo, significa uma entidade específica que se incorpora em uma moradora. Embora a palavra “Baiano” seja registrada nos dicionários como gentílico, a acepção dada pelo informante é espiritual e religiosa, não contemplada nos registros formais. A ausência dessa acepção nos dicionários evidencia a importância dos registros etnográficos para o reconhecimento do léxico religioso afro-brasileiro.

Quadro 21 – Ficha lexicográfica 21 – var. “Baiano”

¹ “ <i>O chefi di coroa dela é o baiano, viu, tem a Maria Padilha, a vovó, tem a, tem o neném, tem a chica baiana e tem maisi varius, varius ai é pruçê a genti esquece</i> ” (Info. JR).		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
<i>adj.</i> 1 da BA. 2 <i>Pop.</i> nortista ou nordestino. <i>s.m.</i> 3 o natural ou habitante daquele lugar estado.	Não contém registro.	<i>adj. e s.m.</i> 1 relativo à Bahia, estado do Brasil, ou o que é seu natural ou habitante. 2 BA. relativo à cidade de Salvador/BA ou que é seu natural ou habitante, soteropolitano. 4 MA. sertanejo proveniente da Bahia, do Piauí ou de Tocantins, que traz gado para as feiras de gado do Maranhão. 5 <i>B. S.; pej.</i> indivíduo originário ou habitante de qualquer dos estados brasileiros, excetuando-se a região Sul; nortista.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

- **Lexia “ginga” (dança/Dança do Lili)**

A lexia “ginga” contém registro na *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana* e na terceira acepção do *Dicionário Houaiss*, ambos contendo significados relativos a movimentos corporais ou relacionados à capoeira, diferentes do sentido existente em Jenipapo. Todavia, na fala do informante, o termo está associado ao movimento corporal rítmico feito com os braços na Dança do Lili.

Quadro 22 – Ficha lexicográfica 22 – lexia “Ginga”

¹ “ <i>lá em Caxias eu vi a dança diferente, aqui a gente coloca, a pessoa de um lado e de outro, a gente faz a roda e fica brincando entre a gente, sabe, todo mundo participa, faz uma ginga de braço é uma brincadeira bem democrática</i> ” (Info. ZN).		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
Não contém registro.	1 meneio de corpo que constitui o movimento inicial e principal do jogo da capoeira.	<i>s.m.</i> 1 MAR. remo que se usa à popa de uma embarcação para movimentá-la, alternando o impulso por um e outro bordo; zinga [faz, ao mesmo tempo, de leme da embarcação]. 2 MAR. vara que se vai fincando no leito de mar, um rio, um lago, fazendo deslocar-se a embarcação em águas rasas; zinga, varejão. 3 movimento com que o capoeirista procura enganar e/ou desnortear o adversário, tanto para defender-se como para atacar.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Os registros encontrados em ambos os dicionários abordam a *lexia* como movimento corporal ligado à defesa. Contudo, o registro etnográfico presente na comunidade amplia essa perspectiva, evidenciando as variações lexicais que ultrapassam as acepções dicionarizadas e revelam especificidades culturais próprias da comunidade.

- **Lexia “versus” (dança/Dança do Lili)**

A *lexia* “versus” tem acepção diferente das registradas nos dicionários, visto que, na comunidade, remete às letras de canções em que alguém começa a cantar e os demais repetem o que está sendo cantado, como demonstrado na fala do informante ZN. Tal acepção distingue-se do sentido dicionarizado, pois o registro encontrado no *Aurélio* e no *Houaiss* diz respeito à composição poética. Logo, o contexto acaba não sendo apenas literário, mas também musical, com grande presença de oralidades e movimentos corporais.

Quadro 23 – Ficha lexicográfica 23 – var. “Versos”

¹ “ <i>tem uns passos mais refinado, outros tem, mais são todos do mesmo jeito, ele é tipo assim, você vê umas pessoas aqui acompanha os versus, é tipo uma pisada né, bate com o pé, tipo de baião, catira essa coisas, aí tem gente que faz, nem todo mundo faz assim, mais tem uns que do jeito que vai a música vai bateno os pé no chão</i> ” (Info. ZN).		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
1 cada uma das linhas constitutivas dum poema. 2 o gênero poético. 3 poesias. 4 <i>Pop</i> . Quadra ou estrofe qualquer. 5 página oposta à da frente.	Não contém registro.	1 VRS subdivisão de um poema, geralmente coincidindo com uma linha do mesmo, que obedece a padrões de métrica (pés) e de rima variáveis no tempo e no espaço), ou prescinde deles (versos brancos e livres), caracterizando-se por possuir certa linha melódica ou efeitos sonoros, além de apresentar unidade de sentido. 2 <i>p.ext.</i> composição literária em que as frases são versificadas; poema, poesia. 3 <i>p.ext.</i> qualquer quadra ou estrofe que se declama. 4 <i>p.ext.</i> a linguagem literária característica das obras poéticas, em posição à prosa; poesia. 5 página de uma folha de papel que fica oposta à da frente.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A análise dessa *lexia* demonstra como o uso de uma palavra em dado local, por grupos sociais específicos, pode ter sentido amplo ou divergir da acepção apresentada nos registros lexicográficos. A semântica mostra como a força da língua falada e a criatividade cultural dos falantes são de grande importância nesses registros, ao corroborarem para o enriquecimento do acervo linguístico do português.

• **Lexia “gafanhotu” (instrumento/baião/dança)**

Na comunidade, segundo as falas dos informantes, a lexia “gafanhotu” representa um nome popular e regional para um objeto musical. Refere-se a um instrumento manual colocado nos dedos para produzir ritmo durante a dança, conhecido como castanhola em outras regiões do país. Assim, o léxico utilizado não tem a mesma acepção presente nos dicionários, que, no registro formal lexicográfico, remete a inseto e arma de fogo.

Quadro 24 – Ficha lexicográfica 24 – var. “Gafanhoto”

<p>¹ “<i>uns qui usa gafanhoto é muito interessante o gafanhoto só qui essi eu não mexo, o baião ele tem instrumento, aliás qui hoje o pessoal usa tem um negócio de um forró baião, eles tem todo uma sabe</i>” (Info. ZN).</p> <p>² “<i>No baião, é uma pisada, é um sapateado com um gafanhotu. O gafanhotu é coisa que bota no dedo assim e vai bateno, tem outros nomes, em outros lugar, mais aqui é, a gente conhece como gafanhotu, bota nos dedo assim, isso é uma castanhola, é o nome que tem outros lugar</i>” (Info. S.O).</p>		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
s.m. Zool. inseto ortóptero, daninho.	Não contém registro.	1 ENT Design. comum a diversas espécies, de insetos ortópteros, de várias famílias, mas sobretudo da família dos acridídeos, ger. grandes, saltadores, com asas anteriores longas e estreitas e nocivos à lavoura; acridio, saltão, ticura, tucura [são geralmente confundidos com grilos e esperanças, representantes da mesma ordem. 2 ANGIOS. planta (<i>Jatropha elliptica</i>) da fam. das euforbiáceas, nativa de regiões tropicais das Américas, esp. do Brasil (PE a GO, MG, SP), com folhas oblongo-lanceoladas, denteadas, flores pálidas, lanosas, em cimeiras, e frutos capsulares; jalapão,icineiro, raiz-de-cobra, raiz-de-lagarto, raiz-de-laranja, raiz-de-tiú, teju, tejuíba, tiú [O rizoma é branco e carnoso, muito us. como purgativo, antissifilítico e antiofídico, e esta propriedade parece ter sido descoberta pelo fato de ser procurado e ingerido pelo lagarto tiú (<i>Tupinambis teguixin</i>), quando picado por cobras]. 3 B. mola que faz mover o cão nas armas de fogo. 4 B; <i>infrm.</i> mesmo que gasparinho.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Como sinônimo de “castanhola”, “gafanhoto” é a demonstração da diversidade e das variações existentes na comunidade. Logo, torna-se essencial incluir novos registros orais e culturais nos acervos lexicográficos, reconhecendo as formas de designação e expressões em

uso na linguagem popular. O significado registrado dessa lexia reitera a riqueza da linguagem, fincada na prática e na experiência vivenciada e coletiva.

Por sua vez, o terceiro grupo contém as LDAE: repente, toadas, zabumba, sanfona, triângulo, pandeiro, capela, novena, padroeiro, encantado, caboclo, benzedor, mandinga, porcaria, oferenda, quilombola, tamarindo, lambedor, desmantelo, quebranto, arruda, aroeira, babosa, vassourinha, amoreira, inharé, garrafada, boldo, fedegoso e mastruço.

4.3 Lexias dicionarizadas com acepção equivalente à fornecida pelos informantes

- **Lexia “repenti” (dança/Dança do Lili)**

A lexia “repente”, dita pelo informante SO, tem similaridade com os dicionários *Aurélio* e *Houaiss*, especificamente as acepções 2, 2.1 e 3, pois tratam da improvisação musical e poética, semelhantes ao sentido registrado na fala do entrevistado, uma vez que as letras são criadas ou improvisadas pelos moradores da comunidade.

Quadro 25 – Ficha lexicográfica 25 – var. “Repente”

<p>¹ “É um, deixa eu vê como eu quero dizer, é típico assim uma quadrilha é trocane os braço, canta assim fazeno um repenti assim, o povo sapatea, tem uns dois que puxa, ai os zouto acompanha. É sempre a mesma coisa” (Info. S.O).</p> <p>² “o repente é criado na hora, tem pessoas que é bom de repente eli cumeça a cantar” (Info. ZN).</p>		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
1 dito ou ato repentino, irrefletido; ímpeto. 2 qualquer improvisado; de repente. <i>V.</i> de súbito.	Não contém registro.	<i>s.f.</i> 1 ação repentina, dito repentino e impensado. 2 qualquer improvisado ou verso improvisado. 2.1 <i>B.</i> sextilha. 3 <i>MÚS.</i> canto (melodia) com versos improvisados.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Convém salientar que, nas letras cantadas na Dança do Lili, a lexia “repente” vai além da diversão, haja vista que, nelas, são expressas as vivências e a realidade dos moradores da comunidade. O registro do termo apresenta-se como forma de expressão autêntica, coletiva e, até mesmo, poética. Torna-se um espaço de memória, identidade, resistência e cultura, apesar de a maioria dos dicionários não o registrar com riqueza semântica em sua universalidade.

- **Lexia “toadas” (dança/Dança do Lili)**

A lexia “toadas”, de acordo com o informante, diz respeito aos ritmos dados às letras cantadas na Dança do Lili. Transmitidas com espontaneidade, são essenciais para a interação dos integrantes do grupo na dança. A fala do entrevistado aproxima-se da acepção 2 do *Aurélio* e das acepções 1, 2 e 5 do *Houaiss*, referente à entoação, canto e cantiga tradicional.

Há também aproximação com a acepção 8 do *Houaiss*, que define essa palavra como “parte musical, de canto correspondente às estrofes tradicionais da cantoria”; relacionando-se à oralidade e execução na Dança do Lili. Atenta-se ainda à acepção 7 do referido dicionário, que associa toadas ao boi-bumbá de Parintins, demonstrando sua aproximação com manifestações culturais e regionais, além de revelar sua importância na cultura popular brasileira, mesmo com variações de uso e forma.

Quadro 26 – Ficha lexicográfica 26 – lexia “Toadas”

<p>¹ “Não existe instrumento, ela não tem é so a voizi e o passo, tem varia músicas, não tem elas escritas, porque são toadas e algumas precisam de versos e outra precisam só de repetição”. Essa toada é o que nus dá ritmo pra genti entrá na brincadeira, pra gente brinca sabe” (Info. ZN).</p>		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
<p>s.f. 1 qualquer cantiga de melodia simples e monótona, texto sentimental ou brejeiro. 2 entoação, tom.</p>	<p>Não contém registro.</p>	<p>1 aquilo que é captado pelo sentido de audição. 2 Fig. notícia vaga; rumor boato. 3 o que se conhece (história, fato, lenda). 4 som vago e mal definido; rumor confuso. 5. entoação, canto. 6 Fig. modo ou ritmo (de uma atividade). 7 ETN, MÚS; PA (Parintins) no boi-bumbá, música cantada durante a apresentação dos bois. 8 LIT; B. cantiga, solfa, parte musical, de canto correspondente às estrofes tradicionais da cantoria; cantiga.</p>

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Na Dança do Lili, as toadas são manifestações musicais orais, que conduzem os ritmos e os participantes. Não precisam de instrumentos, somente de voz, palmas, pés e corpo, pontos marcadores de ritmo. São cantadas por um ou mais integrantes da comunidade, representando coletividade, ritmo e comunicação entre os membros da brincadeira. Sua ausência de registro em alguns repertórios lexicográficos, como na *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*, deixa clara a necessidade das práticas culturais como fontes nas criações linguísticas brasileiras.

- **Lexia “zabumba” (instrumento/baião/dança)**

Os significados registrados nos três dicionários são os mesmos em uso em Jenipapo. Trata-se de um instrumento de percussão, utilizado no baião durante as festas realizadas pela comunidade. A “zabumba” é um instrumento de forte traço identitário, não apenas sonoro, mas também histórico e cultural. Tal palavra, como bem registrada na *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*, com origem nas línguas quicongo e umbundo, demonstra grande influência na cultura brasileira, principalmente no Nordeste, onde sua utilização é constante.

Quadro 27 – Ficha lexicográfica 27 – lexia “Zabumba”

¹ “pode ser uma <i>zabumba</i> ” (Info. ZN).		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
1. <i>V.</i> bombo. 2. <i>Bras.</i> N.E. certo conjunto instrumental, popular.	Tambor de grande, bombo da percussão afro-nordestina. O termo se origina do verbo <i>mbumba</i> , que significa “bater”, ocorrente no quicongo e no Umbundo	1 ANT. sonoridade provocada por pancada ou batida. 2 (1836) MÚS. tambor de sonoridade grave e membranas nas duas extremidades; bombo, bumba, bumbo, caixa grande, zambê, zabumba, zé-pereira. 3 <i>p.met.</i> ; ETN, MÚS; <i>B</i> , N.E. grupo instrumental no qual se destaca esse instrumento; terno de zabumba. 4 MÚS; <i>P.</i> mesmo que cuíca.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Diferentemente das outras lexias analisadas, “zabumba” mantém uma compatibilidade, tanto no nome quanto no sentido, entre o uso popular e os registros lexicográficos, sendo, por conseguinte, caracterizada como uma LDAE.

- **Lexia “sanfona” (instrumento/baião/dança)**

A lexia “sanfona” possui o mesmo significado tanto para a comunidade quanto para os dicionários utilizados, na acepção do *Aurélio* e na acepção 8 do *Houaiss*. Os demais sentidos não têm similaridade com o de Jenipapo. Reforça-se, então, a importância da sanfona como patrimônio musical e cultural, especificamente nas regiões onde o baião e outros estilos, como xote e forró, são marcantes.

Quadro 28 – Ficha lexicográfica 28 – lexia “Sanfona”

¹ “ <i>Tem sanfona</i> ” (Info. ZN). ² “ <i>elis traizi a sanfona</i> ” (Info. JR).		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
<i>s.f. Bras.</i> acordeão.	Não contém registro.	1 MÚS; ANT. <i>m.q.</i> 3 viela. 2 utensílio de ferro; rabeca. 3 <i>infrm.</i> instrumento mal tocado. 4 <i>B.m.g.</i> concertina. 5 <i>p.ana</i> ; <i>B</i> remate de tricô (um ponto para a frente, um ponto para trás), us. em blusas, casacos, mangas etc. que dá elasticidade à malha. 6 <i>p.met.</i> ; <i>B</i> tecido onde foi feito esse ponto. 7 (1911) <i>p.ana</i> (da <i>acp.</i> 4); <i>B</i> ; <i>infrm.</i> ; obsi, tira estreita de papel dobrada no feitiço de sanfona, contendo apontamentos clandestinos us. como cola em provas escritas. 8 MUS; <i>B</i> ; <i>infrm. m.q.</i> acordeão. <i>s.2g.</i> 9 pessoas implicante. 10 <i>infrm.</i> indivíduo insignificante, reles.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A lexia “sanfona” demonstra a semelhança semântica, mantendo um diálogo entre a linguagem da comunidade e a palavra dicionarizada. Sua função no baião é musical e cultural, expressando melodia e evidenciando a identidade sonora das manifestações tradicionais, cuja significação tradicional se mantém intacta e viva no cotidiano de Jenipapo.

● Lexia “triângulo” (instrumento)

A lexia “triângulo” tem registro lexicográfico, com similaridade para a comunidade e os dicionários, na acepção 2 do *Aurélio* e 2 e 2.1 do *Houaiss*. De acordo com os informantes, o triângulo é um instrumento usado no baião, dando ritmo à dança e sendo de suma importância para o conjunto musical e cultural. O termo, dentro do baião, vai além do seu significado real e abarca o campo simbólico, tornando-se característico e indispensável em seu contexto de uso.

Quadro 29 – Ficha lexicográfica 29 – var. “Triângulo”

¹ “ <i>vai o tringulu</i> ” (Info. ZN). ² “ <i>eli traizi o triângulu</i> ” (Info. JR).		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
<i>s.m.</i> 1 <i>Geom.</i> polígono em triângulos de três lados. 2. <i>Fut.</i> movimentar-se (parte da equipe) fazendo jogadas em formação triangular.	Não possui registro.	<i>s.m.</i> 1 GEOM polígono de três lados; trilátero. 2 qualquer objeto de formato triangular. 2.1 MÚS instrumento de percussão feito de metal, na forma triangular, e percutido por vareta de metal; ferrinhos. 3 (1847-1881) <i>infrm. m.q.</i> forca (no sentido de ‘instrumento enforcamento’).

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

- **Lexia “pandero” (instrumento)**

A lexia “pandero” está registrada nos três dicionários, contendo a mesma acepção da encontrada na comunidade e no *Dicionário Aurélio*, na *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana* e no *Dicionário Houaiss* — nesse último apresenta similaridade somente na acepção 1, que registra a forma do instrumento musical. Trata-se de um instrumento musical utilizado no baião, formando base rítmica tradicional junto à sanfona e ao triângulo.

Quadro 30 – Ficha lexicográfica 30 – lexia “Pandeiro”

¹ “tem o <i>pandero</i> também” (Info. S.O).		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
<i>s.m.</i> aro, com guizos ou sem eles, sobre o qual se estica uma pele, que se tange batendo-a com a mão.	PANDEIRO. Instrumento de percussão de origem árabe consistindo em um pequeno tambor de uma só membrana, esticada sobre um aro de cerca de trinta centímetros de diâmetro e quatro centímetros de altura, com soalhas ou platinelas. Embora utilizado na música de vários povos e países, no Brasil, local em que é percutido de forma bastante peculiar, tornou-se o principal instrumento do samba e seu símbolo mais eloquente.	<i>s.m.</i> 1 MÚS instrumento de percussão constituído de um aro de madeira, recoberto ou não por uma membrana, com aberturas no aro onde se colocam soalhas ou guizos; tambor-basco. 2 (1899) MAR conjunto de voltas superpostas em que é colhido um cabo. 3 VITIC processo de estacar a videira curvando-se a vara sobre si mesa. 4 <i>infirm.</i> o conjunto das nádegas.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A lexia “pandero/pandeiro” diz respeito a um elemento essencial da estrutura rítmica do baião, tendo um papel relevante em diversos gêneros populares. Sua execução representa não apenas uma prática musical, mas também um marcador cultural e identitário, principalmente no Nordeste, em especial na comunidade quilombola Jenipapo.

- **Lexia “capela” (religião)**

A lexia “capela”, para a comunidade, tem sentido equivalente às acepções registradas nos dicionários, notadamente no *Aurélio* e nos significados 1, 2 e 3 do *Houaiss*. Refere-se a um pequeno lugar destinado a momentos de adoração, indo de encontro com o entendimento da comunidade, na qual há apenas uma pequena capela em uma casa cedida por uma moradora para celebrar as missas uma vez ao ano.

Quadro 31 – Ficha lexicográfica 31 – lexia “Capela”

¹ “Existe as veizi, que tem uma capelinha aqui em baxo qui a gente qui tem missa todo ano, tem alguns” (Info. ZN). ² “aqui tem uma capelinha , ai todo mundo se reúne” (Info. S.O). ³ “Aqui só existe uma capela , qui é lá na casa da dona Maria” (Info. F.N). ⁴ “Aqui tem a capelinha ai tem as missa e de vez em quando tem as reza também” (Info. D.C). ⁵ “lá é uma capelazinha ” (Info. GM). ⁶ “Só uma, só uma capelinha ” (Info. MR).		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
1 pequena igreja de um só altar.	Não contém registro.	1 pequena igreja, com apenas um altar, geralmente subordinada a uma paróquia; ermida, orada, santuário. 2 <i>p.ext.</i> cada um dos locais, em uma igreja, reservados para oração, meditação ou pequenos serviços religiosos, onde fica um altar de santo. 3 <i>p.ext.</i> local destinado ao culto religioso fora do âmbito das igrejas (em escolas, hospitais, palácios, fazendas etc.). 4 <i>p.met.</i> (da <i>acp.</i> 1); MÚS conjunto de cantores, executantes de música polifônica com ou sem acompanhamento de instrumentos, que pertence a determinada instituição ou está a serviço de alguma personalidade (os <i>capelães músicos</i> ou <i>músicos de c.</i>).

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Essa aproximação de acepções revela como a tradição oral e o modo de vida reforçam os sentidos lexicais já conhecidos, com algumas alterações locais — diminutivos, usos afetivos e formas populares.

• Lexia “novena” (prática católica)

O sentido para a lexia “novena” encontrado nos registros lexicográficos é similar ao da comunidade. Segundo os dicionários, são rezas feitas no período de nove dias, com objetivo de agradecimento às graças recebidas. Em um ato de devoção, em Jenipapo, ela adquire um valor simbólico mais amplo, ocorrendo na Quaresma e no mês de maio. A acepção formal é mantida, mas é descontextualizada culturalmente; seu uso pelos moradores mostra a versatilidade e a riqueza das práticas religiosas locais, essencialmente no modo como o sagrado é celebrado e como o dia a dia das comunidades rurais se reinventa.

Quadro 32 – Ficha lexicográfica 32 – lexia “Novena”

¹ “as novena o mês de maio que as pessoas reza o mês todim” (Info. MR).		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
<i>s.f.</i> 1 o espaço de nove dias. 2 rezas feitas durante nove dias.	Não contém registro.	<i>s.f.</i> 1 conjunto de nove entidades, seres, objetos etc. de igual natureza. 1.1 LITUR. CAT série de orações e práticas litúrgicas realizadas durante um período de nove dias para obtenção de alguma graça divina. 1.1.1 <i>p.met.</i> período de nove dias em que estas cerimônias se realizam. 1.1.2 MÚS composição ou cântico para esta cerimônia litúrgica. 1.2 <i>p.ext.</i> (da <i>acp.</i> 3) qualquer período de nove dias.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

No uso popular, a novena está relacionada com a religiosidade católica, especialmente em contextos rurais, nos quais o sincretismo religioso é mais comum. Em virtude disso, pode extrapolar os nove dias tradicionais e ser usada para designar práticas devocionais mensais, como visto no relato da informante.

- **Lexia “padroeiro” (santo/religião)**

A palavra “padroeiro”, embora já consagrada na linguagem religiosa formal, possui um sentido ainda mais afetivo e identitário para Jenipapo, ao estar vinculada à história de fundação da comunidade e à sua ancestralidade. Portanto, essa lexia é de uso constante e um importante vínculo entre fé, pertencimento e memória social.

Quadro 33 – Ficha lexicográfica 33 – var “Padroeiro”

¹ “A igreja é de São Pedro, é porque mermo seno, porque tem um padroeiro não é, então é esse qui é o padroeiro lá, é São Pedro” (Info. ZN).		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
<i>adj. e s.m.</i> defensor, protetor, patrono.	Não contém registro.	<i>adj. e s.m.</i> 1 o que detém o direito do padroado; aquele que defende, protege. 2 diz-se de ou santo escolhido como protetor ou intercessor junto a Deus. 3 que ou quem fundou ou ofereceu doações ao mosteiro.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A lexia “padroeiro” possui acepção nos dicionários consultados, sendo semelhante à adotada na comunidade. Os moradores têm como padroeiro São Pedro, que, segundo eles, foi

escolhido como protetor por conta do nome do bisavô dos fundadores de Jenipapo. Tal sentido vai de encontro com os significados dicionarizados apresentados no quadro anterior.

- **Lexia “encantadu” (religião)**

O significado da lexia “encantadu” presente nos dicionários é equivalente ao das falas dos informantes, remetendo a um espírito que encarna na pessoa e a orienta na realização do trabalho místico/espiritual. Dessa forma, revela um conhecimento espiritual organizado, em que o encantado atua como guia e conselheiro. Refere-se, então, a entidades espirituais cultuadas nas práticas da umbanda e/ou de religiões sincréticas afro-indígenas.

Quadro 34 – Ficha lexicográfica 34 – var “Encantado”

<p>¹ “O negócio da gira é porque os tambô é bonito a gente brinca tudo, os encantadu desse, brinca faz trabalho e a, o negócio da ciença é eles fala pra gente, chega uma pessoa que quer um trabalho a gente conversa com eli, com as pessoas, ai a gente já passa pra eles, ai a gente diz o que precisa pra afirmar aquele ponto e elis ficam trabalhano invisilmente dizem pra mim o qui eu tenho qui fazer” (Info. DR).</p> <p>² “e outos encantado, aí e tem o encatadu que trabalha na linha preta que é os inxú, aí tem o nome deles tudim” (Info. DR).</p>		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
<p><i>adj.</i> 1 que se encantou. 2 fascinado ou enlevado. 3 enfeitado.</p>	<p>1 designação de cada uma das entidades nos candomblés de caboclo.</p>	<p><i>adj.</i> 1 que é ou que foi objeto de encantamento, sortilégio etc. 2 que se deixou arrebatar ou seduzir; deslumbrado, maravilhado. 3 <i>B</i>; <i>cr.</i> cujo segredo é ignorado (diz-se de cofre). 4 <i>s.m.</i> ETN, REL; <i>B.</i> para os indígenas e os caboclos, qualquer dos muitos seres animados por forças mágicas ou sobrenaturais, habitantes do céu, das selvas, das águas ou de lugares sagrados nos candomblés de caboclo, designação dos espíritos de ancestrais dos espíritos de ancestrais indígenas que se veneram. 5 trata-se dos orixás iorubás aculturados com influências bantas e do espiritismo, e alterados pelo estereótipo literário do índio inspirado no Indianismo da fase romântica (Gonçalves Dias e José de Alencar)].</p>

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

- **Lexia “cabocu” (entidade/religião)**

A lexia “cabocu” contém registro nos dicionários, e o sentido utilizado na comunidade é semelhante ao significado explicitado na *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana* e na acepção 2 do *Dicionário Houaiss*, representando entidades que fazem parte da religião e são recebidas pela informante DR.

Quadro 35 – Ficha lexicográfica 35 – var. “Caboclo”

<p>¹ “Nome dos caboco que trabaia, ah eu sei, tem a família de caboco, de légua, tem família preto velho, tem a família de nagô e tem a família de inxú, agora inxú se trabalha na linha preta, mas faiz o bem e o mal, e os caboco trabaia mermo curano e ajudano as pessoa” (Info. DR).</p> <p>² “Ai ele chega ai ela recebe eles ali, ai a gente vai conversa com elis e tudo bem, viu. Naum vai com agressão com elis, qui tem muintos deles que chega com prevesidade derruba ela,viu. Ai a gente tem qui adulá elis ali, qui ninguém naum conhece, esse povo não sabi, a gente só escuta, só vê ela fala, mais naum sabi quem é qui tá, quem tá procurar, muintoss delis responde a gente mal e muintos delis responde beim” (Info. JR).</p>		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
<p>s.m. Bras. 1 mestiço de branco com índio; cariboca; curiboca. 2 antiga designação do indígena. 3 caboclo (1) de cor acobreada e cabelos lisos; caburé. 4 caipira.</p>	<p>Na umbanda, designação de cada uma das entidades ameríndias da linha de Oxóssi. No candomblé de caboclo, cada uma das entidades principais, reverenciadas como ancestrais dos primeiros habitantes da terra brasileira. Nos terreiros de mina: Na mina maranhense, as entidades tidas como “caboclos” não são consideradas nem índios nem eguns, embora tenham tido vida terrena e ligação com grupos indígenas. Ver índios e negros – Trocas e alianças.</p>	<p>1 indivíduo nascido de índia e branco (vice-versa), fisicamente caracterizado por ter pele morena ou levemente avermelhada e cabelos negros e lisos. 2 REL. relativo ao candomblé de caboclo.</p>

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A compreensão local de “cabocu” não se limita à sua origem étnica, na medida em que se refere a uma entidade espiritual específica, com papel ativo nos rituais e nas curas. O uso do referido termo na comunidade mostra como as religiões afro-brasileira reconstroem vocábulos, atribuindo-lhes novos sentidos dentro de sistemas religiosos.

● **Lexia “benzedô” (religião/católica/umbandista)**

A lexia “benzedô” possui registro apenas no *Dicionário Houaiss*, contendo significado semelhante ao da comunidade. Consoante as falas dos informantes, os moradores recorrem ao benzedor em caso de doenças como quebranto, introsada, arca caída etc. Em sintonia com essa acepção, o sentido dicionarizado apresenta essa figura como aquele que afasta o mal.

A ausência dessa lexia em outras fontes reforça a importância do reconhecimento do léxico popular e regional, especialmente em contextos de religiosidade e medicina tradicional. O benzedor ou a rezadeira continua sendo uma figura relevante no imaginário e nas práticas de cura comunitária, mantendo viva uma sabedoria ancestral de forte caráter sincrético entre o catolicismo e as tradições africanas e indígenas.

Quadro 36 – Ficha lexicográfica 36 – lexia “Benzedor”

<p>¹ “Sim a minha mãe reza, eu mesmo já precisei pra meu filho, meu filho de vez em quando ficava ruim eu levava pra ela rezar nele, também tem uma doença chamada de introsada que dá nas criança pequena ela também reza e funciona” (Info. F.N).</p> <p>² “Eu não realizo, mais conheço gente que faiz. não, porque assim tem uns que faiz, por exemplo, antigamente falava muito em criança com quebrantis como o pessoal dizia por ai, e tem gente que reza só pra isso, tem outros que reza só, por exemplo, quem tem uma, alguma um lugar que tá ferido que dá aquela vermelha tem reza também, eu vi basicamente por aqui, foi as que eu vi por aqui” (Info D.C).</p> <p>³ “tem a vizinha aqui. Precisei levantar a arca. Preciso de um pano e bota aqui, aqui, ai vai rezar ai depois mede e dá tudo certo. Isso é muito interessante, e funciona mesmo” (Info. ZN).</p> <p>⁴ “Conheço a vizinha bem ai ela benze, eu vejo ela com gaim de pranta, vassorinha, que eu saiba só. Eu já precisei, tava com a arca caída, eu acho que é a mesma espinhela caída” (Info. S.O).</p>		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
Não contém registro.	Não contém registro.	adj. e s.m. m.q. benzedeiro (no sentido de ‘que ou quem afasta o mal’).

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

● **Lexia “mandinga” (feitiçaria/curandeirismo)**

A lexia “mandinga” possui registro nos três dicionários, tendo similaridade semântica com o relatado na fala da informante, especificamente os sentidos registrados no *Dicionário Aurélio*, na acepção 1 da *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana* e nas acepções 3 e 3.1 do *Dicionário Houaiss*. Segundo a entrevistada, o termo está associado a práticas de feitiçaria ou encantamento, sobretudo quando se fala de usos ritualísticos de objetos simbólicos, como cabelo. Isso remete diretamente ao sentido de feitiço, encantamento ou “trabalho espiritual”, reforçado pelo tom de mistério e respeito à prática.

Quadro 37 – Ficha lexicográfica 37 – lexia “Mandinga”

(continua)

<p>¹ “bota tudim, as pessoas vê, cabelo véi, isso aí é coisa de mandiga” (Info. DR).</p>		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
s.f. s.f. V. bruxaria (1). Man.din.guei.ro s.m.	MANDINGA. Bruxaria, feitiço; talismã; qualidade de jogo de capoeira. Na bacia do Prata, um dos nomes do diabo. A origem do vocábulo relaciona-se, provavelmente, ao quicongo ndinga, “praga”, “maldição”.	princ. orig. etc. s.2g. 1 ETROL indivíduo do grupo étnico dos mandingas; mandê, mandeu. s.m. 2 LING ramo de línguas do grupo nigero-congolês, muito disseminado na África ocidental, desde a Mauritània até a Nigéria; mandê, mandeu. s.f. 3 (1789) ato ou efeito de mandingar; feitiço, feitiçaria. 3.1 <i>infrm</i> , embaraço, dificuldade que, por inexplicável, parece obra de feitiçaria.

Quadro 37 – Ficha lexicográfica 37 – lexia “Mandinga”

(conclusão)

¹ “bota tudim, as pessoas vê, cabelo véi, isso aí é coisa de mandiga” (Info. DR).		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
	MANDINGA, Antón (século XVI). Líder escravo no Panamá. Em 1553, como uma espécie de lugar-tenente de Luis de Mozambique, ajudou a comandar uma revolta de escravos nas montanhas de San Blas, no istmo do Panamá. Ambos foram presos, mas perdoados pelas autoridades espanholas.	4 (1813) ANGIOS erva anual (Rhynchospora hirsuta) da fam. das ciperáceas, nativa do Brasil (PA), de colmo delgado, folhas ger, enroladas, espiguetas pardas e aquênios suborbiculares; capim-rasteiro, maniva. <i>adj.2g.</i> 5 relativo à mandinga (<i>acp.</i> 1 e 2) ou aos mandingas (no sentido de ‘grupo’); mandê, mandeu; mandingas: <i>subst.</i>

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Todavia, o registro etnográfico amplia a acepção ao conectá-la com objetos específicos (ex.: cabelo) e uma percepção de ação espiritual visível, o que a torna culturalmente mais rica e particular. O sentido encontrado está presente nos dicionários, especialmente como “feitiço”, mas o uso comunitário aprofunda a prática mais detalhada e simbolicamente.

- Lexia “procaria” (feitiçaria/curandeirismo)

A lexia “procaria”, para a comunidade e os dicionários consultados, possui acepções semelhantes. Na fala de DR, refere-se simplesmente à sujeira ou a um objeto sem valor, mas a substâncias consideradas nocivas ou “carregadas”, usadas em feitiços ou “mandingas”.

Quadro 38 – Ficha lexicográfica 38 – var. “Porcaria”

(continua)

¹ “bota aquelas procaria nas pessoa e fica botano barru” (Info. DR).		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
<i>s.f.</i> 1 imundície, sujeira. 2 coisa maléfica, má, ou sem valor, porqueira.	Não contém registro.	<i>s.f.</i> porcaria. <i>princ. orig. etc. s.f.</i> 1 acúmulo de sujeira, lama; Imundície a chuva deixou muita p. nas ruas. 2 <i>fig.</i> obscenidade, indecência, palavrão <não fale p., menino!>. 3 <i>p.ext.</i> coisa nojenta, que dá asco <cuidado, não pise nessa p.>. 4 <i>infrm.</i> o que é ruim, de gosto desagradável <esta bebida é uma p.>. 5 <i>infrm.</i> guloseima sem valor nutritivo não vá comer p. na rua. 6 uma porção ou grande quantidade de porcos; porcada a p. está barulhenta hoje.

Quadro 38 – Ficha lexicográfica 38 – var. “Porcaria”

(conclusão)

¹ “bota aquelas procaria nas pessoa e fica botano barru” (Info. DR).		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
		8 <i>infrm., pej</i> , quantia considerada pequena; ninharia, insignificância <o salário é uma p.>. <i>adj. 2g.</i> 9 <i>infrm., pej</i> , que é ruim, de má qualidade, malfeito <sapato p.> <toalha p.>. <i>adj. s. 2g.</i> 10 <i>Intrm, pet</i> , que ou aquele que não vale nada, é sem préstimo, mal-educado, péssimo no que faz; imprestável <que garçom p.> <o p. do seu primo deixou a roupa dele para eu lavar>.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A lexia “porcaria” é dicionarizada, entretanto a comunidade reconfigura a palavra ao âmbito do curandeirismo/da feitiçaria, ligando-a a práticas de agressão espiritual. O valor ritual e a conotação de “trabalho de mandinga” pertencem ao saber popular local.

- **Lexia “oferenda” (comida/religião)**

A lexia “oferenda” possui registro nos dicionários *Aurélio* e *Houaiss*, contendo acepção similar à da fala da informante DR. Porém, o relato da entrevistada vai além, segundo a qual a oferenda é feita como forma de descobrir se a pessoa tem mesmo um espírito, ou não. O termo é visto como estratégia utilizada para revelar a verdade.

Quadro 39 – Ficha lexicográfica 39 – lexia “Oferenda”

¹ “tem a comida que fazi pro encatadu, é umas comida preparada pra pessoa quando o chefe desconfia do médium que tá dizeno que tá com espirito que é queim não tá, ai faizi aqueles dicumer, pimenta e tudo enquanto o espírito véi tudo gosta, os caboco gosta, agora o qui cumer e si achar ruim ele não dá, é uma oferenda” (Info. DR).		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
<i>s.f.</i> presente, dádiva, oferta.	Não possui registro	oferenda (sXIII cf. FichIVPM) <i>princ. orig. etc. s.f.</i> 1 coisa que se oferece; presente, dádiva, oferta. 2 oferta feita a Deus ou aos santos; oblata, oblação.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

- **Lexia “quilombola” (identidade quilombola)**

A lexia “quilombola” está registrada nos dicionários e apresenta o mesmo sentido que o da comunidade. Contudo, em Jenipapo, ganha uma dimensão identitária, histórica e afetiva ampliada. Os informantes associam o termo não apenas ao pertencimento geográfico, isto é, residir em área remanescente de quilombo, mas também à consciência étnica, valorização da ancestralidade negra, resistência cultural e luta coletiva por reconhecimento, respeito e direitos.

No uso local, “ser quilombola” é ter orgulho da descendência africana, assumir a identidade negra, reconhecer o sofrimento histórico do povo negro e continuar a luta por valorização. Há ainda uma percepção de legado e continuidade intergeracional — referências a avós, mães, tradições herdadas.

Quadro 40 – Ficha lexicográfica 40 – lexia “Quilombola”

<p>¹ “Ser quilombola pra mim é a pessoa é, existir e valorizar os nossos antepassados, porque não existe na nossa, no nooso pa’s qui não tem um pouquinho di, do pessoal que vieram, dos escravos de lá pra cá, vieram não, qui trouxeram eles a força” (Info. ZN).</p> <p>² “ser quilombola pra mim é uma tradição que vem lá dos mais velho, dos negro, que todos nós é descendente dos negro, eu sou descendente, e me considero negra porque desde então a gente conhece a luta dos negro e eu me encaixo. Eu tenho meu avô que foi um dos que defendeu aqui pra comunidade ser quilombola, e desde então, eu me considerei quilombola pro vê a luta qui ele lutava pa ter o espaço pra genti, como é qui eu falo, pra gente ser mais respeitado por ter aquela tradição, e por ter sofrido muito” (Info. F.N).</p> <p>³ “quilombola tipo assim é reconhecer nossa descendência ne e tipo assim a gente não negar nossa origem, porque as vezi tem gente que é negro e nega, mais temos orgulho da nossa raça que sofreu muito, nos somo ainda tem, até porque nunca vai acabar, mais já melhorou muito, e pra mim isso que somo guerreiros, mas desde lá pra cá o nego não tinha vez nem voz e a gente se aceitar como a gente é” (Info. MR).</p> <p>⁴ “Ah meu Deus, quilombola é quem se considera negra né, só sei dizer assim, eu me considero negra e faço parte aqui do quilombo, né” (Info. GM).</p> <p>⁵ “Ser quilombola é aquelas pessoa qui, que mora na área qui já foi dos escravus que já teve escravo aqui um dia, ai pra mim isso” (Info. D.C).</p> <p>⁶ “Ser quilombola é honrar aquelis antepassados do povo sofredor, zumbi, minha mãe dizia que a gente era, eu praticamente não sei, minha mãe me dizia mais não lembro muito” (Info. S.O).</p>		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
Não contém registro.	Habitante de quilombo. A base etimológica é o vocábulo “quilombo [1]” – segundo Antenor Nascentes (1966), fundido com o tupi <i>canhembora</i> ; segundo Óscar Ribas (1989), cruzado com o quimbundo <i>Kuombolola</i> , “surrupiar”, “levar às ocultas”.	ms. 1 escravo que escapou para um quilombo. 1.1 p.ext. indivíduo de uma comunidade descendentes de quilombolas. 2 relativo, pertencente ou próprio de quilombola que é quilombola ou de comunidade descendente de quilombolas.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A acepção local de “quilombola” transcende a definição objetiva e jurídica encontrada nos dicionários, inserindo aspectos de autoidentificação, pertencimento histórico-cultural e resistência social. Os relatos evidenciam que a lexia está fortemente ligada à memória coletiva, ancestralidade africana e preservação da tradição e identidade. A ausência dessa palavra no

Aurélio e o caráter técnico das entradas nos demais dicionários contrastam com a riqueza simbólica e experiencial atribuída, pela comunidade, ao termo. Logo, embora dicionarizada, sua acepção é expandida no contexto comunitário.

- **Lexia “tomarindu” (planta/curandeirismo)**

A lexia “tomarindu” tem sentido similar aos dos dicionários, em especial à acepção 1.1 do *Houaiss*, uma vez que, na comunidade, a folha da tamarindo é utilizada para uso medicinal. Embora registrado nesses dicionários com foco botânico e gastronômico, o termo recebe uma acepção expandida na comunidade, ligada ao saber popular de cura. Sua classificação como planta medicinal no uso local se associa diretamente ao campo do curandeirismo, uma prática comum na região. A fala da informante MR demonstra um conhecimento prático e funcional, com instruções de preparo e indicação terapêutica, não descritas nos registros formais.

Quadro 41 – Ficha lexicográfica 41 – var. “Tamarindo”

¹ “a folha da tomarindu diz que é bom pa colesterol alto a gente faz o chá põe a água pa ferver a gente lava as folhas e bota tendo, e só bota quando a água tiver fervendo” (Info. MR) – folha do tomarindu		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
s.m. 1. árvore de folhas que parecem penas e de flores amarelas. 2. vagem dessa árvore, com caroço doces e ácidos usados para se fazer suco > Tamarindeiro s.m. ta.ma.rin.do.	Não contém registro.	s.m. 1 design. comum às árvores do gên. <i>Tamarindus</i> , da fam. das leguminosas, subfam. cesalpinioidea, que compreende uma única espécie. 1.1 árvore (<i>Tamarindus indica</i>) prov. originária da África tropical, largamente cultivada como ornamental e pelos frutos de polpa comestível, de folhas penadas, flores amarelas, vagens oblongas e indeiscentes, madeira difícil de trabalhar e cujas folhas e frutos apresentam propriedades medicinais; tamanhã (STP), tamarindeira, tamarindeiro, tamarineira, tamarineiro, tamarinheiro. 1.1.1 o fruto dessa planta, cuja polpa escura, quase negra, é ácida, adstringente, refrigerante e laxativa, us. em farmácia e na confecção de sorvetes, doces, refrescos e molhos picantes.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

- **Lexia “lambedô” (remédio/curandeirismo)**

A lexia “lambedô” possui sentido similar aos dos dicionários, sobretudo o *Houaiss*, nas acepções 1 e 1.1, definindo-a como remédio caseiro feito com mel e outras misturas, que serve para quem está gripado e tossindo. Contudo, a informante RM amplia o significado apresentado no registro dicionarizado, ao fazer uma descrição etnográfica sobre os ingredientes, o modo de

preparo e para que doença serve. Trata-se de um remédio regional muito utilizado e produzido na comunidade. A presença dessa prática reafirma o papel de soluções naturais e comunitárias na manutenção da saúde local.

Quadro 42 – Ficha lexicográfica 42 – var. “Lambedor”

¹ “ <i>Tamu tussinu e faizi aquela lambedorim, bota a casca de laranja pá cuzinhá, bota foia de boldo, bota a marva do reino</i> ” (Info. RM).		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
(ô) <i>adj.</i> e <i>s.m.</i> 1 que, ou aquele que lambe. 2. <i>Bras.</i> adulator, bajulador.	Não contém registro.	<i>s.m.</i> 1. <i>farm. m.q.</i> (no sentido de ‘medicação caseira’). 1.1 (1959) <i>farm; B, N, E</i> , xarope ou beberagem adoçada ger, com mel de abelha. 2. <i>p. ext.</i> qualquer coisa muito doce. 3. BA terreno salgado e alagadiço, muito procurando por animais que vão lambê-lo. <i>adj. e s.m.</i> 4. (1911) <i>B. m.q</i> bajulador. 5 que ou que lambe.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

- **Lexia “desmantelada” (doença/curandeirismo)**

A lexia “desmantelada” está registrada em apenas um dicionário, o *Houaiss*, contendo o mesmo sentido, notadamente nas acepções 2.1 e 2.2, remetendo à irregularidade menstrual. Todavia, as falas dos informantes trazem mais detalhes que o registro formal, segundo as quais o termo “desmantelo” se refere ao período menstrual de uma mulher, especificamente quando seu ciclo é interrompido. É comum o uso de garrafadas de plantas específicas, como o inharé, para “endireitar” a mulher e fazer “vir o tempo”, ou seja, regularizar o ciclo menstrual.

Quadro 43 – Ficha lexicográfica 43 – var. “Desmantelo”

¹ “ <i>Ele serve pra muer que tá desmantelada endireitar, aquela que não ta menstruano, ai toma a garrafada e era danado pá vim os tempo dela</i> ” (Info. JR).		
² “ <i>inharé prá mulhé qui se desmantela fica sim com o sangui muinto fei, o suô o inhare é muinto bom</i> ” (Info. DR).		
³ “ <i>As veizi tem muiet qui quando menstroa aí não vem a regra dela certa, entendeu, o povo fala desmantelo</i> ” (Info. RM).		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
Não contém registro.	Não contém registro.	<i>princ. orig. etc. s.m.</i> 1 <i>m.q.</i> desmantelamento. 2 CE; <i>infrm.</i> período menstrual. 2.1 CE; <i>infrm.</i> irregularidade no ciclo menstrual. 2.2 CE; <i>infrm.</i> qualquer distúrbio ou doença do aparelho genital feminino.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Os registros formais ainda não abrangem a riqueza cultural e os modos de tratamento tradicionais citados pelos informantes. No uso comunitário, a palavra *desmantelo* carrega uma forte carga simbólica e diagnóstica, funcionando como categoria nativa de saúde e cura, especialmente no tocante ao corpo feminino.

- **Lexia “quebranti” (doença/curandeirismo)**

A lexia “quebranti”, para a comunidade Jenipapo, é a mesma registrada nos dicionários, denotando “energia negativa”, mau-olhado, que causa desânimo e, conforme a tradição, só pode ser quebrado com reza.

Quadro 44 – Ficha lexicográfica 44 – var. “Quebranto”

<p>¹ “Olha a criança tá com quebranti, a gente não vê, já precisei, meus filhos que tinha quebranti ai pega uma vassorinha e tira os galhos, reza, reza, e se a vassorinha ficar murcha diz que a criança tava com quebranti, (Info. MR). ² “você tem um menino qui ele tá meio molim, que você fala que ele tá com quebranti, ai ela vai reza antes do sol se pô, por exemplo, o dia todim ela pode rezar, só não pode depois do sol se pôr, porque diz que não vale, eu só conheço ela, eu mesmo já precisei pra meu filho, meu filho de vez em quando ficava ruim eu levava pra ela rezar nele” (Info. F.N).</p>		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
s.m. 1 prostração fraqueza. 2 segundo superstição popular, mal-estar provocado por mau-olhado (q.v.).	Não contém registro.	s.m. 1 ato ou efeito de quebrantar, de pôr abaixo; quebrantamento, quebra. 1.1 perda de energia, de vigor; alquebramento, esgotamento, enfraquecimento. 1.2 p.ext. estado de torpor, cansaço, languidez; quebrantamento. 2 oct suposta influência maléfica de feitiço, por encantamento a distância; dada. 2.1 p.ext.; oct efeito malévolos, segundo a credence popular, que a atitude, o olhar etc. de algumas pessoas produzem em outras.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

No contexto etnográfico, não é apenas uma condição física, mas uma categoria cultural de doença com diagnósticos e tratamentos próprios, ligando corpo, espírito e relações sociais (olhares, invejas, intenções). O uso do termo está entrelaçado ao curandeirismo e ao papel das rezadeiras, o que amplia seu valor cultural.

- **Lexia “arruda” (planta/curandeirismo)**

A lexia “arruda” tem registro formal e acepção equivalente à dos informantes. Porém, os sentidos indicados pelos entrevistados transpõem os encontrados nos três dicionários. É uma planta utilizada na comunidade para tirar mau-olhado e trabalhos de feiticeira. O preparo se dá com a folha da arruda para realizar o processo de descarrego do trabalho feito a alguém. Além do propósito espiritual, é utilizada no preparo de remédio para mulher com período menstrual interrompido, servindo para regulá-lo e retomar o ciclo normal.

Quadro 45 – Ficha lexicográfica 45 – lexia “Arruda”

<p>¹ “Arruda é pá remédio espiritual, arruda tem um traibao qui a gente panha a foia da arruda aí bota, aí tem o dia di botar aquelas coisas que as pessoas ficam fazeno serviço com elas, aí a gente vê as coisa, faizi aquela serviço, aí bota preparo, bota numa cachaça e fica curano as pessoa” (Info. DR).</p> <p>² “Eu pranto a arruda. A arruda é pá fazer remedi pá muier, pá dismantelo. Aí a gente faizi um chazin” (Info.R.M).</p>		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
s.f. Bot. nome comum a várias plantas rutáceas, aromáticas, medicinais.	(<i>Ruta graveolens</i> ; <i>Ruta montana</i> ; <i>Ruta hortensis</i> ; <i>Ruta latifolia</i>). Subarbusto da família das rutáceas. De larga utilização na tradição afro-brasileira, principalmente na umbanda, é poderoso agente neutralizador de mau-olhado e maus fluidos. Em Cuba (ruda), é planta votiva de Xangô.	s.f. 1 design. comum a várias plantas de diferentes fam., esp. às do gên. <i>Ruta</i> , da fam. das rutáceas, freq. com odor muito forte e usos medicinais. 1.1 subarbusto (<i>Ruta graveolens</i>) de folhas triprenatipartidas, flores verdes e amareladas, tetrâmeras, em corimbos, com a terminal pentâmera, e cápsulas globosas; arruda-comum, arruda-de-são-paulo, arruda-dos-jardins, arruda-fedorenta, ruda, ruta-de-cheiro-forte [Ocorre no Sul da Europa e é cultivado em várias regiões como ornamental, pela madeira, para usos mágicos e religiosos, e esp. como panacea, desde a Antiguidade, pelo óleo que encerra rutina, ger. extraído de brotos e flores].

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Embora conste nos principais dicionários da língua portuguesa, a lexia “arruda” ganha dimensões socioculturais amplificadas na oralidade popular, principalmente em contextos de curandeirismo feminino e espiritualidade afrodescendente. Seu uso vai além do medicinal, é também mediador simbólico de equilíbrio, limpeza e proteção, sendo um dos exemplos mais vivos da conexão entre natureza, corpo e espírito na sabedoria tradicional brasileira.

- **Lexia “arueira” (planta/curandeirismo)**

A lexia “arueira” contém registro nos três dicionários e significados semelhantes ao da informante. A acepção nos dicionários que mais se aproxima da encontrada na fala da DR é a de planta medicinal. Entretanto, o relato da entrevistada vai além do registro formal, uma vez

que descreve a doença e o modo de preparo do remédio. Na comunidade Jenipapo, a aroeira é usada quando a mulher está com problemas inflamatórios, em que a secreção vaginal se torna anormal, causando coceiras e ardências.

Quadro 46 – Ficha lexicográfica 46 – var. “Aroeira”

¹ “Tem a arueira pá infração quando a muier que tem infração e escoreção essa coisa, arueira é bom. Casca de arueira pá todo tipo de infração, coloca a asca de molho. O sumo da folha de aroeira junto com o azeite pá comida que faizi mal (ofende) a pessoa” (Info. DR).		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
<i>s.f. Bras. Bot.</i> 1 árvore anacardiáce de madeira útil e casca medicinal. 2 Urundeúva.	<i>s.f.</i> É uma planta votiva ao qual a tradição africana na Diáspora inclui, entre outras práticas, o uso ritual e medicinal das plantas. Assim, folhas, caules, raízes e frutos são largamente utilizados, tanto em banhos (ver ABÔ [1]; AMACI; OMI-ERÓ) e defumações como em decoções.	<i>s.f.</i> 1 design. comum a algumas árvores da fam. das anacardiáceas; daro. 1.1 árvore (<i>Schinus molle</i>) de folhas penadas, flores brancas ou amarelo-esverdeadas, em panículas, e drupas globosas, vermelhas, com odor de pimenta; abaraíba, aguaraiíba, aguaraiíbá-guaçu, aguaraiúba, araíba, aroeira-do-amazonas etc.].

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A aroeira é um exemplo claro da intersecção entre registro dicionarizado e oralidade popular, em que os saberes ancestrais conferem novos sentidos e usos à planta. Essa ampliação semântica está relacionada não apenas a funções terapêuticas, mas a um conjunto de práticas espirituais, simbólicas e comunitárias, que articulam corpo, alimento e fé em um sistema de cura que ultrapassa o biomédico.

- **Lexia “babosa” (planta/curandeirismo)**

A lexia “babosa” contém registro nos três dicionários e significados semelhantes ao do entrevistado. É usada, pelos moradores, para tratar doenças como gripe e dores. Consoante o informante S, o gel da babosa é retirado e utilizado como remédio. Embora registrada nos dicionários em sua identificação botânica, a palavra apresenta usos e sentidos mais amplos no campo do saber tradicional, reforçando sua polivalência terapêutica e simbólica. Esse termo exemplifica como as plantas medicinais atuam simultaneamente no plano físico e espiritual, como instrumentos de cuidado do corpo, da mente e da alma — tudo isso atrelado às culturas populares.

Quadro 47 – Ficha lexicográfica 47 – lexia “Babosa”

<i>“A babosa tem mais utilidade assim, disse que é bom pá dor também, né. O gel dela o cara tirar. É bom pá criança que tá gripada” (Info. S.O).</i>		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
<i>s.m. s.f. Bras. Pop. Aloés.</i>	É uma planta votiva ao qual a tradição africana na Diáspora inclui, entre outras práticas, o uso ritual e medicinal das plantas. Assim, folhas, caules, raízes e frutos são largamente utilizados, tanto em banhos (ver ABÔ [1]; AMACI; OMI-ERÓ) e defumações como em decocções.	<i>s.m. e s.f. angios. 1 m.q. aloé (Aloe vera, ‘sumo’). 2 m.q. agave (Agave americana). 3 m.q. trombeta-cheirosa (Brugmansia suaveolens). 4 m.q. babosa-de-espiga (Aloe spicata).</i>

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

● Lexia “bassorinha” (planta/curandeirismo)

A lexia “bassorina” está registrada apenas no *Dicionário Houaiss*, porém o termo não é abordado como planta para fins medicinais ou espirituais. Apesar de ser o mesmo léxico, existe a divergência quanto à finalidade da planta, compreendida e utilizada pela comunidade com o intuito ritualista de combater “quebranto” e “mau-olhado”, como observado, por exemplo, na fala da entrevistada MR ao relatar o uso da vassourinha.

Quadro 48 – Ficha lexicográfica 48 – var. “Vassourinha”

¹ <i>“essa vassorinha qui ela usa pa rebater quebranti, mali oiado” (Info. MR).</i>		
² <i>“Menino vé que chega com quebranti. Ai só vai ali num munturo pega uma bassorina e traiz lá treisi gaim e reza lá no menino” (Info. JR).</i>		
³ <i>“Eu vejo ela com o gaim de pranta, vassorinha” (Info. S.O).</i>		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
Não contém registro.	Não contém registro.	<i>s.f. 1 pequena vassoura. 2 lud m.q. jogo das pedrinhas. 3 angios erva ou arbusto (Sida acuta) da fam. das malváceas, nativos do Brasil, de folhas alternas, flores amarelo-pálidas, solitárias ou em cachos, e cápsulas pequenas; guaxuma, malva-brasileira, malva-de-marajó, malva-reloginho, relógio-de-vaqueiro, relógio-vassoura, tupitixa, tupixá, vassoura-preta [Desta planta se extrai material para cordoaria e fabrico de papel; apresenta propriedades emolientes, tônicas, febrífugas e anti-hemorroidais; as folhas e as sementes são forrageiras e os galhos são us. no fabrico de vassouras rústicas.</i>

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

● Lexia “amorera” (planta/curandeirismo)

A lexia “amorera” aparece em duas bases de pesquisa e possui similaridade semântica com o sentido das falas dos informantes. O *Dicionário Aurélio* registra o termo como árvore frutífera; já no *Houaiss*, todas as acepções são análogas, mas trazem detalhamento e variados significados, definindo-o, em linhas gerais, como planta que produz amora. O entrevistado ZN apresenta a amoreira como fonte de cura, indo além do registro formal, descrevendo a coloração (amarela) dos seus galhos e seus benefícios como anti-inflamatório natural para tratar gripe e furúnculo (cabeça de prego).

Quadro 49 – Ficha lexicográfica 49 – var. “Amoreira”

<p>¹ “a amorera ele é um pauzim amarelo bem de espin, ele tem um leite ele serve tanto pra gripe de tosse quando criança tá gripada como também ele é por exemplo como era muito comum em aparecer nas pessoas antigamente aí você que aquelas cabeça de prego aí você podia pegar ela, pegava um folha de pimenta e botava em cima ela ajudava a curar. Não do jeito que conheço, é mais a amoreira” (Info. ZN).</p> <p>² “Ansiedade, por exemplo já é uma, a amora diz que é bom pra tomar quando a gente tá chegando na menor pausa, pra melhorar os calorão” (Info. MR).</p>		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
s.f. Bot. árvore frutífera morácea de cujas folhas se nutre o bicho-da-seda.	Não contém registro.	s.f. 1 design. comum a plantas de diferentes gên. das fam. das moráceas e rosáceas, cujos frutos são conhecidos como amora. 2 árvore (<i>Morus nigra</i>) da fam. das moráceas, nativa do Irã, de folhas cordiformes, denteadas, que servem de alimento ao bicho-da-seda, flores em amentilhos]. 3 STP m.q. intule (<i>Milicia excelsa</i>). 4 PR, STP m.q. moreira (<i>Maclura tinctoria</i>).

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

● **Lexia “inharé” (planta/curandeirismo)**

A lexia “inharé” apresenta significado somente no *Dicionário Houaiss*, que a registra como uma planta nativa da região cearense. Na fala do informante JR, ele faz um relato mais detalhado, descrevendo-a como uma planta forte que pode causar malefícios em mulheres que estão no período da menopausa. Confirmado o fim da fase fértil em mulheres de 45 a 55 anos, torna-se perigoso o uso do inharé. A descrição do morador demonstra uma percepção da planta como algo divino, criado ou entregue por Deus à humanidade, com benefícios para a produção de medicamento na forma de bebida.

Quadro 50 – Ficha lexicográfica 50 – var. “Inharé”

¹ “O nome é ninharé , é uma pranta do mato, que deus prantou, a mãe dizia qui muier qui já tava passano da idade não era bom tomar ninharé naum, porque er danado pá voltar os tempo de novo, era danado pá menstruar” (Info. JR). ² “Pega a a casca de inharé bota di moio pá controla o sangue” (Info. DR).		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
Não contém registro.	Não contém registro.	s.m. 1 CE m.q. mururerana (<i>Brosimum gaudichaudii</i>). 2 PI m.q. puruma-da-guiana (<i>Pourouma guianensis</i>).

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

● Lexia “garrafada” (remédio/curandeirismo)

A lexia “garrafada” está registrada em dois dicionários, com sentidos semelhantes às dos informantes, na acepção 1 do *Aurélio* e nas acepções 1, 1.1 e 2 do *Houaiss*. O termo não se limita a uma simples composição de receita, pois dispõe de inúmeras formas de uso e preparo, tendo a determinação do seu significado nas características do recipiente.

O entrevistado JR destaca a garrafada como bebida benéfica para quem deseja ter filhos. O morador explica que a bebida pode deixar a mulher fértil; por isso, é considerada “santa”, cuja palavra pode estar associada à visão da planta como dádiva de Deus para mulheres que almejam ser mães, sendo a garrafada uma bebida milagrosa.

Quadro 51 – Ficha lexicográfica 51 – lexia “Garrafada”

¹ “Eu faço so com ela mermo, eu tiro a casca do inharé coloco de moio e boto e passa treis dias pegano sol e sereno, viu, ai eu adoço ali e boto na garrafada e toma dois dedim, e podi e tomano e pá quem quer ter menino é uma santo menino” (Info. JR). ² “faço garrafada pá algumas pessoa qui precisa, não vendeno, tira faz ai pra mim, eu faço com inharé” (Info. JR). ³ “e levar a alguma pancada faizi a garrafada deli (mastruz), tira o sumo e bebe” (Info. TJ). ⁴ “As pranta que faiz os remedi, faz aquelas garrafada que cura” (Info. MR).		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
s.f. 1 medicamento líquido contido numa garrafa. 2 pancada com garrafa.	Não contém registro.	s.f. <i>infrm.</i> 1 medicamento líquido. 1.1 B. beberagem preparada e vendida como remédio por curandeiros. 2 p.ext. o conteúdo líquido de uma garrafa. 3 golpe desferido com garrafa.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Os informantes TJ e MR relatam a garrafada como o sumo de plantas e destacam que ela é feita a partir de ervas com “poder de cura”. Por isso, tem funções específicas de acordo com a planta utilizada — cada uma é voltada para determinado problema.

● **Lexia “boldu” (planta/curandeirismo)**

A lexia “boldu” possui registro nos três dicionários, com significados semelhantes nos dicionários *Aurélio* e *Houaiss*. As acepções 1 e 2 do *Houaiss* são similares aos enunciados dos informantes, todavia a acepção da *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana* distingue-se do sentido registrado na comunidade, não tendo nenhuma relação com questões espirituais, e sim medicinais. Em Jenipapo, esse termo articula-se ao saber popular como planta digestiva para estômago inchado, gases, digestão pesada, comidas indigestas etc., sendo frequentemente usada em forma de chá visando à cura desses sintomas.

Quadro 52 – Ficha lexicográfica 52 – var “Boldo”

<p>¹ “O boldu também, o boldu é bom pá barriga inchada, ás veizi a genti tá com o estomago inframado, aí toma chazinho de boldu e melhora” (Info. TJ).</p> <p>² “eu tenho boldu, uma outa que diz que serve pra baixar a glicemia, mais esqueci o nome, boldo pro fígado” (Info. C).</p> <p>³ “o boldo é uma planta que a gente usa o chá pra quando a pessoa tá com, come uma comida que não se sente bem a gente vai lá faz o chá do boldu. O boldu a gente, por exemplo eu pego planto dois pé, a gente pega o pedaço do, ate uma raiz, planta a raiz faz ali um lugarzinho pra plantar a raiz ou então faz um canteirinho, é assim que a gente cultiva. O boldu é mais fácil de pega. Chá do boldu também é muito bom pra gripe, comida que faz mal. É bom pra quase todo tipo de inflamação” (Info. F.N).</p>		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
(ô) s.m. planta monimiácea, medicinal.	(<i>Peltodon tormentosa</i>). Planta da família das labiadas, votiva de Oxalá na tradição dos orixás. Também conhecidas, por suas folhas suavemente aveludadas, como “tapete-de-oxalá”, é uma das folhas que integram o omi-erro nos rituais de iniciação. Em iorubá recebe o nome de ewe baba (“folha de papai”), em homenagem ao importante orixá a que pertence.	s.m. 1 angios árvore (<i>Peumus boldus</i>) da fam. das monimiáceas, nativa do Chile, de folhas lanceoladas e frutos doces, esp. cultivada pelos ramos e folhas, de que se faz chá, muito us. contra os males digestivos; boldo-do-chile, folha-de-boldo. 2 p.met.; angios o fruto dessa árvore. 3 p.met. a madeira, dura e aromática, dessa árvore. 4 B; infirm. cigarro de maconha; baseado.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A lexia “boldo” exemplifica a integração entre plantas cultivadas e memória ancestral, revelando como elementos simples do cotidiano rural e urbano são igualmente ferramentas de cura, símbolos de resistência e identidades de bases culturais afro-indígenas e populares.

• **Lexia “fedegosu” (planta/curandeirismo)**

A lexia “fedegosu”, nos dicionários *Aurélio* e *Houaiss*, apresenta acepções similares, que se resumem em nome comum de variadas plantas na forma de arbustos, sem relação com as identidades dos dialetos africanos. Para a comunidade, o fedegoso contém forte impacto em febres e gripes, deixando claro, pela fala de JR, que é uma árvore nativa, natural da flora da região, sem cultivo. Quando misturada com pimenta do reino em garrafadas, fica aprimorada para o consumo.

Quadro 53 – Ficha lexicográfica 53 – var. “Fedegoso”

¹ “quondi eu tô com minha barriga doeno, eu vou caçá um fedegoso . Fedegoso é bom pá febe, gripe, ele com pimenta do reino é bom. Ele dá no mato. É um pau do mato, ninguém pranta não” (Info. JR)		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
(ô) <i>s.m. Bot.</i> nome comum a vários arbustos e arvoretas das leguminosas que têm propriedades medicinais. [Pl.: -gosos (ô)].	Não contém registro.	<i>s.m. angios</i> 1 design. comum a várias plantas dos gên. <i>Cassia</i> , <i>Senna</i> e <i>Chamaecrista</i> , da fam. das leguminosas, subfam. cesalpinioídea, ger. de odor desagradável. 1.1 arbusto herbáceo (<i>Senna hirsuta</i>), todo revestido de pelos curtos, de folhas paripenadas, com folíolos grandes, ger. ovado-lanceolados, flores amarelas e vagens lineares, às vezes recurvadas, nativo da Guiana e do Brasil (AMAZ a MG e SP), e us. por suas propriedades medicinais; feijão-bravo-amarelo, paramarioba. 1.2 arbusto pequeno (<i>Senna cernua</i>) ou erva anual sublenhosa, que ocorre no Brasil (MG, RJ, SP), de flores amarelas, grandes, em racemos axilares, e vagens lineares; bico-de-corvo. 1.3 m.q. fedegoso-verdadeiro (<i>Senna occidentalis</i>). 1.4 m.q. dartrial (<i>Senna alata</i>). 1.5 m.q. caquera (<i>Senna bicapsularis</i>). 1.6 planta de até 10 cm (<i>Chamaecrista rotundifolia</i>), ger. rasteira, nativa do México ao Brasil, de flores amarelo-pálidas e vagens achatadas, us. como forragem; pasto-rasteiro. 2 m.q. borragem-brava (<i>Heliotropium indicum</i>). 3 m.q. crista-de-galo (<i>Heliotropium foetidum</i>). <i>adj.</i> 4 que tem mau cheiro; fedido, fétido.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A lexia “fedegosu” exemplifica, assim, como o saber tradicional reconhece e classifica as plantas de poder a partir da experiência sensível (cheiro, sabor, localização, efeito no corpo)

compondo uma botânica ancestral que não se restringe à nomenclatura científica, mas integra território e oralidade como fundamentos do cuidado.

• **Lexia “mastruizi” (planta/curandeirismo)**

A lexia “mastruizi” contém registro nos dicionários *Aurélio* e *Houaiss*, com acepções semelhantes ao enunciado da informante L, que vai além dos registros formais. A entrevistada faz um relato sobre a planta e seu benefício como cicatrizante.

Quadro 54 – Ficha lexicográfica 54 – var. “Mastruz/mastruço”

<p>¹ “O mastruizi é muito usado, dimais, armaria. O mastruizi se a gente tiver um ferimento no pé, ai a gente vai lá tira umas foinha pisa bota em cima, o sumo também serve até pá bebê também” (Info. TJ).</p> <p>² “Tem o mastruizi, e servi pra curar a cicatriz quando meti a cirurgia e quando fica aquela secreção, aquelas inflamação, ferido por dento, pois essa daí abaixo de Deus é o qui ajuda, e pa cicatrizar também” (Info. D.L).</p>		
Dicionário Aurélio	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Dicionário Houaiss
s.m. Bras. Bot. erva crucífera medicinal.	Não contém registro.	s.m. 1 erva de até 50 cm (<i>Coronopus didymus</i>), da fam. das crucíferas, vilosa e fétida, com folhas penatipartidas, flores freq. assépalas e siliquis bilobadas, nativa das Américas e cultivada por propriedades excitantes, peitorais, vermícidas e antiescorbúticas; mastruço-dobrasil, mastruz, mastruço, mentrasto, mentruz. 2 planta anual (<i>Cardamine chenopodiifolia</i>) da mesma fam., nativa da América do Sul, com folhas radicais, em roseta, flores branco-amareladas, em corimbos, e siliquis com sementes avermelhadas. 3 m.q. agrião-do-Pará (<i>Acmella oleracea</i>). 4 m.q. erva-de-santa-maria (<i>Chenopodium ambrosioides</i>).

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

O “mastruz” é um exemplo marcante da convergência entre o saber botânico e o saber ancestral popular, na qual o corpo, a fé e a planta se entrelaçam no ato de cura. Mesmo diante da ausência de registro em algumas fontes lexicográficas, sua força simbólica e eficácia prática o mantém vivo na memória e no uso cotidiano das comunidades tradicionais brasileiras. Nesse sentido, o vasto léxico encontrado no presente estudo é importante, contém significados ricos, são dicionarizadas e ao mesmo tempo possuem ou não acepções diferentes para a comunidade.

As descobertas obtidas permitiram identificar léxicos com significados únicos para os moradores e revelaram palavras dicionarizadas com acepções dicionarizadas limitadas, como a lexia “gafanhoto”. A continuidade desta pesquisa tem potencial para mostrar uma diversidade

ainda maior das lexias que ocorrem em Jenipapo. Assim, este trabalho evidenciou a riqueza, as especificidades e a grandeza da mistura entre língua e cultura existente na comunidade.

A falta de respostas sobre racismo não permitiu uma atribuição de análises para esse campo semântico, uma vez que os próprios moradores não se posicionaram confortavelmente para responder às questões levantadas. Embora a abordagem dependesse da manifestação oral dos informantes, sua interpretação e seu entendimento, esse cenário indica que os moradores contatados nesta investigação apresentam uma sensibilidade cultural acerca do racismo.

Portanto, os achados documentaram as lexias de modo a expandir o conhecimento de expressões populares, reconhecendo os saberes locais como formas de construção linguística e cultural. Esses resultados contribuem para conhecer e registrar as principais lexias pertencentes à comunidade baseadas nos campos semânticos enfocados. Os registros orais encontrados são fontes valiosas, pois apresentam diversas formas de expressões, que muitas vezes são ausentes ou pouco representadas nos acervos lexicográficos tradicionais.

É importante frisar que as obras lexicográficas, por mais atualizadas que sejam, jamais contemplarão todos os vocabulários, expressões e lexias existentes na língua. Ante o exposto, destaca-se, a seguir, uma lista contendo o conjunto lexical obtido neste estudo, cujas lexias estão padronizadas em ordem alfabética e divididas em agrupamentos e enunciados conforme dito pelos informantes.

Quadro 55 – Lista contendo todas as lexias registradas em ordem alfabética

(continua)

(i) Não dicionarizadas	(ii) Lexia dicionarizada com acepção diferente do sentido fornecido pelo informante	(iii) Lexia dicionarizada com acepção equivalente ao sentido fornecido pelo informante
Arca caída	Baianu	Amorera
Araína	Bolinha	Arruda
Caboca Duarte	Gafanhotu	Aroera
Capim-Santu (capim-limão/capim-di chêru)	Ginga	Babosa
Chefi de coroa Dança do Lili	Nenéim	Bassorinha
Espinhela Caída	Versus	Benedô
Indeína	–	Boldu
Introsada	–	Cabocu

Quadro 55 – Lista contendo todas as lexias registradas em ordem alfabética

(conclusão)

(i) Não dicionarizadas	(ii) Lexia dicionarizada com acepção diferente do sentido fornecido pelo informante	(iii) Lexia dicionarizada com acepção equivalente ao sentido fornecido pelo informante
Maria padilha	–	Capela
Mal de sete dias	–	Dirmantelada
Marva/malva do Reino	–	Encantandu
Mau-oiado	–	Fedegosu
Mêisi de Maria	–	Garrafada
Pau Caucundo	–	Inharé
Pagá terçu	–	Lambedô
Precesa Encantada	–	Mandinga
Pião rôxu	–	Mastruizi
Tambô di Umbanda	–	Novena
Tirá sol	–	Oferenda
–	–	Padroero
–	–	Pandero
–	–	Procaria
–	–	Quebranti
–	–	Quilombola
–	–	Repenti
–	–	Sanfona
–	–	Tomarindu
–	–	Triângulu
–	–	Toadas
–	–	Zabumba

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste estudo, distribuído nos campos semânticos “dança”, “religião”, “identidade quilombola”, “curandeirismo” e “racismo”, evidenciou uma riqueza linguística na comunidade quilombola Jenipapo, em Caxias, Maranhão, jamais encontrada antes. Constatou-se que as lexias pertencentes às LND são utilizadas no contexto comunitário, refletindo um caráter singular e identitário. Quanto às LDAD, mesmo registradas em dicionários, apresentam, na referida comunidade, sentidos distintos e mais complexos, o que reforça a natureza dinâmica e culturalmente marcada da língua.

Já as LDAE, ainda que contempladas em obras lexicográficas, mostraram-se limitadas em suas acepções quando comparadas aos significados atribuídos pelos moradores, os quais revelam maior profundidade, levando em conta as experiências e a cultura local. Investigações futuras com tamanho amostral maior, coletado em diferentes momentos, fornecerão um quadro mais completo das lexias pertencentes à Jenipapo.

Assim, documentar e analisar o léxico dessa comunidade é de suma importância para expandir o alcance acadêmico e para fomentar ações, voltadas aos moradores, que valorizem e invistam na cultura local, reconhecendo, respeitando e perpetuando a riqueza desse patrimônio linguístico para as próximas gerações. Como perspectivas futuras, será entregue e apresentada à comunidade uma lista das lexias coletadas, detalhando a riqueza encontrada, os significados dessas lexias para os moradores, as obras lexicográficas e a sociedade em geral. Desse modo, será reforçada, junto a eles, a relevância linguística e cultural existente.

REFERÊNCIAS

- ABBADE, Celina Márcia de Souza. A lexicologia e a teoria dos campos lexicais. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA, 15., 2011, Rio de Janeiro. **Cadernos** [...]. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. p. 1332-1343. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_2/105.pdf. Acesso em: 5 abr. 2025.
- ASSIS, Maria Cristina de. **História da língua portuguesa**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2011. Disponível em: http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/historia_da_langua_portuguesa_1360184313.pdf. Acesso em: 5 abr. 2025.
- BARBOSA, Maria Aparecida. **Léxico, produção e criatividade: processos de neologismo**. São Paulo: Global, 1981.
- BARROS, Lídia Almeida. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: EDUSP, 2004.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. *In*: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. Campo Grande: Editora UFMS, 1998. 1 v. p. 11-20.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. 12. ed. Porto: Porto, 2003.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia de Letras, 2006.
- BOVINI, Emilio; PETTER, Margarida Maria Taddoni. Portugais du Brésil et langues africaines. **Langages**, Paris, année 32, n. 130, p. 68-83, 1998. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1998_num_32_130_2157. Acesso em: 5 abr. 2025.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Introdução às línguas indígenas brasileiras**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1965.
- COSERIU, Eugenio. Fundamentos e tarefas da socio e da etnolinguística. *In*: MELLO, Linalda de Arruda (org.) **Sociedade, cultura & língua: ensaios de sócio e etnolinguística**. João Pessoa: SHORIN, 1990, p. 28-49.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da língua Portuguesa**. São Paulo: Positivo, 2004.
- FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **Quadro geral de comunidades remanescentes de quilombos (CRQs)**. Brasília, DF: FCP, 2024. Disponível em:

<https://www.gov.br/palmares/pt-br/midias/arquivos-menu-departamentos/dpa/comunidades-certificadas/quadro-geral-por-uf-e-regioes-03-06-2024.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2025.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GRIMES, Barbara F. **Ethnologue: languages of the world**. Dallas: Summer Institute of Linguistics, 1996.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, [2025]. Versão eletrônica. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/houaission/apps/uol_www/vopen/html/inicio.php. Acesso em: 10 abr. 2025.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. *In*: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (org.) **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001. p. 91-100.

ISQUERDO, Aparecida Negri. A propósito de dicionários de regionalismos do português do Brasil. *In*: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (org.) **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 3. ed. São Paulo: Humanitas, 2007. p. 193-208.

JOTA, Zélio dos Santos. **Dicionário de linguística**. Rio de Janeiro: Presença, 1976.

KRIEGER, Maria da Graça. Lexicologia e lexicografia diacrônicas: qual o papel desse tipo de pesquisa. *In*: ISQUERDO, Aparecida Negri; BARROS, Lídia Almeida (org.) **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Editora UFMS, 2010. p. 135-152.

LARA, Luis Fernando. **Teoría del diccionario monolingüe**. México: El Colegio de México, 1997.

MATORÉ, Georges. **La méthode en lexicologie: domaine français**. Paris: Didier, 1953. Disponível em: <https://archive.org/details/lamethodeenlexic0000mato>. Acesso em: 5 abr. 2025.

MATTOSO, Kátia de Queirós. **Ser escravo no Brasil**. Trad. James Amado. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MELO, Alyne Freire de *et. al.* Tradições e saberes do povo do quilombo Jenipapo, Caxias – Maranhão. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 11, n. 9, e16511931632, p. 1-14, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i9.31632>. Acesso em: 10 abr. 2025.

POTTIER, Bernard. **Linguística geral: teoria e descrição**. Trad. Walmírio Macedo. Rio de Janeiro: Presença; USU, 1978.

RODRIGUES, Raymundo Nina. **Os africanos no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

RODRIGUES-PEREIRA, Renato; ZAVAGLIA, Claudia. Lexicografia: uma ciência interdisciplinar. **Revista GTLex**, Uberlândia, v. 8, e0818, p. 1-20, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/Lex-v8a2022/23-18>. Acesso em: 10 abr. 2025.

SAPIR, Edward. **Linguística como ciência**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961.

SAPIR, Edward. **A linguagem**. Trad. Joaquim Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1969.

SOUSA, Geralda Fátima de; ANTUNES, Paulo Roberto. Etnolinguística: uma breve incursão. **Ágora**: a revista científica da FASAR, Conselheiro Lafaiete, ano 1, n. 1, p. 1-10, jul. 2017. Disponível em: <https://unifasar.edu.br/revista/index.php/agora/article/view/20>. Acesso em: 5 abr. 2025.

VILELA, Mário. O léxico do português: perspectiva geral. **Revista Filologia e Linguística**, São Paulo, n. 1, p. 31-50, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i1p31-50>. Acesso em: 5 abr. 2025.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário Léxico-Semântico

CAMPO 1. DANÇA
<ol style="list-style-type: none"> 1. QUAIS DANÇAS TÊM AQUI NA COMUNIDADE? 2. O QUE É O LILI? 3. O QUE É O BAIÃO? 4. E VOCÊS PRATICAM O TAMBOR DE CRIOLA? 5. QUAL A SEMELHANÇA ENTRE A DANÇA DO LILI E O TAMBOR DE CRIOLA? 6. O QUE SIGNIFICA A DANÇA DO LILI E O BAIÃO PARA VOCÊ? 7. QUAIS OS INSTRUMENTOS UTILIZADOS? 8. QUAIS OS PASSOS DAS MULHERES E DOS HOMENS NO LILI?
CAMPO 2. RELIGIÃO
<ol style="list-style-type: none"> 1. QUAL SUA RELIGIÃO? 2. COMO FUNCIONA A PRÁTICA DO CATOLICISMO? 3. QUANTAS IGREJAS EXISTEM AQUI NA COMUNIDADE? 4. COMO É DIVIDIDO O CAMPO RELIGIOSO? 5. EXISTE, AQUI NA COMUNIDADE QUILOMBOLA JENIPAPO, ALGUMA RELIGIÃO DE BASE UMBANDISTA? 6. COMO FUNCIONA A PRÁTICA UMBANDISTA?
CAMPO 3. IDENTIDADE QUILOMBOLA
<ol style="list-style-type: none"> 1. QUAL SUA COR? 2. VOCÊ SE CONSIDERA QUILOMBOLA? 3. O QUE É SER QUILOMBOLA PARA VOCÊ? 4. O QUE SIGNIFICA A PALAVRA QUILOMBOLA PARA VOCÊ?
CAMPO 4. CURANDEIRISMO
<ol style="list-style-type: none"> 1. VOCÊ CULTIVA PLANTAS MEDICINAIS? 2. E COMO É O CULTIVO DESSAS PLANTAS? 3. QUAIS AS ERVAS OU PRODUTOS MAIS UTILIZADOS? 4. QUAIS DOENÇAS PODEM SER CURADAS ATRAVÉS DAS ERVAS? 5. VOCÊ REALIZA OU CONHECE ALGUÉM QUE REALIZA TRABALHO DE BENZEÇÃO? 6. COMO FUNCIONA O TRABALHO DE BENZEÇÃO?
CAMPO 5. RACISMO
<ol style="list-style-type: none"> 1. VOCÊ JÁ SOFREU PRECONCEITO? () SIM OU () NÃO 2. COMO SE DEU A MANIFESTAÇÃO DESSE PRECONCEITO? 3. COMO OS CAXIENSES TRATAM OS MORADORES DA COMUNIDADE QUILOMBOLA JENIPAPO?

APÊNDICE B – Ficha do Informante

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – PGLetras

LINHA DE PESQUISA: Análise do Português Brasileiro

TÍTULO DA PESQUISA: Estudo semântico-lexical do português falado na comunidade quilombola Jenipapo, do município de Caxias, Maranhão

PESQUISADORA: Ruth Ellen Soares de Sousa

ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Rocha Silva

FICHA DO INFORMANTE

1. NOME

2. CÓDIGO

3. SEXO () FEMININO () MASCULINO

4. IDADE

5. NATURALIDADE

6. QUANTO TEMPO MORA NA CIDADE

7. ESTADO CIVIL

8. NÍVEL DE ESCOLARIDADE

AINDA ESTUDA? () SIM () NÃO

ONDE?

POR QUE NÃO?

9. ATIVIDADE QUE EXERCE

OUTRAS ATIVIDADES

10. OBSERVAÇÕES

11. DATA DE PREENCHIMENTO

APÊNDICE C – Ficha da Localidade

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO	
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – PGLetras	
LINHA DE PESQUISA: Análise do Português Brasileiro	
TÍTULO DA PESQUISA: Estudo semântico-lexical do português falado na comunidade quilombola Jenipapo, do município de Caxias, Maranhão	
PESQUISADORA: Ruth Ellen Soares de Sousa	
ORIENTADORA: Prof. ^a Dr. ^a Ana Lúcia Rocha Silva	
FICHA DA LOCALIDADE	
1. NOME	2. GENTÍLICO
3. PERTENCENTE AO MUNICÍPIO DE	
4. DATA DA FUNDAÇÃO	
5. MESORREGIÃO	
6. MICRORREGIÃO	
7. DENSIDADE DEMOGRÁFICA	
8. ÁREA	9. LIMITES
10. ALTITUDE	11. TIPO DE CLIMA
12. BASE DA ECONOMIA	
13. INFRAESTRUTURA EDUCAÇÃO – NÚMEROS DE ESTABELECIMENTO ESCOLARES SAÚDE – NÚMERO DE HOSPITAIS OU POSTOS DE SAÚDE COMUNICAÇÃO – UNIDADES POSTAIS OU TELEGRÁFICAS	

APÊNDICE D – Registros fotográficos do campo de pesquisa

Figura 2 – Escola de ensino fundamental I



Fonte: Acervo da pesquisa (2025).

Figura 3 – Capela – parte externa e interna



Fonte: Acervo da pesquisa (2025).

Figura 4 – Santuário – altar



Fonte: Acervo da pesquisa (2025).

Figura 5 – Local onde se faz farinha – Casa de Farinha



Fonte: Acervo da pesquisa (2025).

Figura 6 – Local onde os moradores fazem reunião – Associação dos Moradores



Fonte: Acervo da pesquisa (2025).

Figura 7 – Casa onde se fazem as ciências da umbanda



Fonte: Acervo da pesquisa (2025).

Figura 8 – Algumas criações existentes na comunidade



Fonte: Acervo da pesquisa (2025).

Figura 9 – Entrada da comunidade quilombola Jenipapo



Fonte: Acervo da pesquisa (2025).

ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Fundação Instituída nos termos da Lei nº 3.152, de 21/10/1966 - São Luís - Maranhão

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PG LETRAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CCH**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO****Prezado(a) Senhor (a)**

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) de uma pesquisa denominada "ESTUDO SEMÂNTICO-LEXICAL DO PORTUGUÊS FALADO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA JENIPAPO NO MUNICÍPIO DE CAXIAS, MARANHÃO". Esta pesquisa está sob a responsabilidade do pesquisador (a) **RUTH ELLEN SOARES DE SOUSA, MESTRANDA EM LETRAS** e tem como objetivo: Elaborar um glossário contendo as unidades lexicais coletadas e investigar se a comunidade conserva os laços etimológicos africanos, identificar o léxico-semântico presente no português falado da comunidade quilombola Jenipapo e analisar as variedades registradas na comunidade quilombola Jenipapo. Neste sentido, solicitamos sua colaboração mediante a assinatura desse termo. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), visa assegurar seus direitos como participante. Após seu consentimento, assine todas as páginas e ao final desse documento que está em duas vias. O mesmo, também será assinado pelo pesquisador em todas as páginas, ficando uma via com você participante da pesquisa e outra com o pesquisador. Por favor, leia com atenção e calma, aproveite para esclarecer todas as suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de indicar sua concordância, você poderá esclarecê-las com o pesquisador responsável pela pesquisa através do seguinte telefone de **Ruth Ellen Soares de Sousa/ Telefone: (99) 98107-2469**. Se mesmo assim, as dúvidas ainda persistirem você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFMA, que acompanha e analisa as pesquisas científicas que envolvem seres humanos, no Campus Universitário Cidade Universitária Dom Delgado, situado na Avenida dos Portugueses, 1.966 – São Luís Programa de Pós Graduação em Letras PG LETRAS/ CCH – Telefone (98) 3272-8343 – Site: www.pgletras.ufma.br Email: ppgl@ufma.br no horário de atendimento ao público, segunda a sexta, manhã: 08h00 às 12h00 e a tarde: 14h00 às 18h00. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Esclarecemos mais uma vez que sua participação é voluntária, caso decida

**Consolidar
AVANÇOS
E VENCER
DESAFIOS**

Cidade Universitária Dom Delgado - CCH
Avenida dos Portugueses, 1.966 - São Luís - MA - CEP: 65080-805 1-2
Fone: (98) 3272-8343 Site: www.pgletras.ufma.br E-mail: ppgl@ufma.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Fundação Instituída nos termos da Lei nº. 5.152, de 21/10/1996 - São Luís - Maranhão
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PG LETRAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CCH

não participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento da pesquisa, não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo e o (os) pesquisador estará a sua disposição para qualquer esclarecimento.

A pesquisa tem como justificativa pela necessidade de realizar uma investigação no campo léxico-semântico de uma comunidade (quilombola Jenipapo) da zona rural do município de Caxias/MA. e para sua realização serão utilizados os seguintes procedimentos para a coleta de dados: análise documental, observação não participante e entrevistas.

Esclareço que esta pesquisa acarreta os seguintes riscos: 1. Possibilidade de constrangimento ao responder o questionário; 2. Desconforto; 3. Medo; 4. Vergonha; 5. Estresse; 6. Quebra de sigilo; 7. Cansaço ao responder às perguntas; e 8. Quebra de anonimato, mas em contra partida o voluntário estará contribuindo para a pesquisa científica nacional e também para o desenvolvimento de um estudo ímpar da região além da contribuição para o fomento de diretrizes para que o turismo sustentável seja utilizado como gerador de impactos positivos no desenvolvimento local, porém os mesmos serão contornados proporcionando um ambiente acolhedor para a entrevista escolhido pelo voluntário e garantindo ao máximo a preservação dos dados na pesquisa pelos pesquisadores.

Os resultados obtidos nesta pesquisa serão utilizados para fins acadêmico-científicos (divulgação em revistas e em eventos científicos) e os pesquisadores se comprometem a manter o sigilo e identidade anônima, como estabelecem as Resoluções do Conselho Nacional de Saúde nº. 466/2012 e 510/2016 e a Norma Operacional 01 de 2013 do Conselho Nacional de Saúde, que tratam de normas regulamentadoras de pesquisas que envolvem seres humanos. E você terá livre acesso as todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo, bem como lhe é garantido acesso a seus resultados.

Esclareço ainda que você não terá nenhum custo com a pesquisa, e caso haja por qualquer motivo, asseguramos que você será devidamente ressarcido. Não haverá nenhum tipo de pagamento por sua participação, ela é voluntária. Caso ocorra algum dano comprovadamente decorrente de sua participação neste estudo você poderá ser indenizado conforme determina a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, bem como lhe será garantido a assistência integral.

Após os devidos esclarecimentos e estando ciente de acordo com os que me foi exposto, Eu José Milton da Silva declaro que aceito participar desta pesquisa, dando pleno consentimento para uso das informações por mim prestadas. Para tanto, assino este consentimento em duas vias, rubrico todas as páginas e fico com a posse de uma delas.

Consolidar **Respeitar quando necessário**

**AVANÇOS
E VENCER
DESAFIOS**

Cidade Universitária Dom Delgado - CCH
 Avenida dos Portugueses, 1.966 - São Luís - MA - CEP: 65080-805 2-2
 Fone: (98) 3272-8343 Site: www.pgletas.ufma.br E-mail: ppgl@ufma.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Fundação Instituída nos termos da Lei nº 5.152, de 21/10/1966 - São Luís - Maranhão

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PG LETRAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CCH

- () Autorizo a captação de imagem e voz por meio de gravação, filmagem e/ou fotos;
() Não autorizo a captação de imagem e voz por meio de gravação e/ou filmagem.
() Autorizo apenas a captação de voz por meio da gravação;

Local e data: _____

Fosé Nilton de Oliveira
Assinatura do Participante

Documento assinado digitalmente
gov.br
RUTH ELLEN SCARNO DE SOUSA
Data: 09/09/2024 14:34:23-0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Assinatura do Pesquisador Responsável
Acadêmico

Documento assinado digitalmente
gov.br
ANA LUCIA BOCHA SILVA
Data: 09/09/2024 14:13:44-0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Assinatura do Pesquisador Responsável
Professor(a) Orientador (a)

**Consolidar
AVANÇOS
E VENCER
DESAFIOS**

Cidade Universitária Dom Delgado - CCH
Avenida dos Portugueses, 1.966 - São Luís - MA - CEP: 65080-805 3-2
Fone: (98) 3272-8343 Site: www.pglettras.ufma.br E-mail: ppgl@ufma.br